

BRASIL-PORTUGAL

1 DE AGOSTO DE 1901

N.º 61

A VIAGEM REAL



Atanabio jr.

• regresso — SS. MM. sahindo do Arsenal

O presidente do Conselho Hintas Ribeiro

A Rainha

O infante D. Manuel

El-Rei

A viagem real á Madeira e aos Açores



Uo eram as caravelas de Zarco ou de Gonçalo Velho que compunham a esquadilha que conduzia o Senhor D. Carlos e sua augusta esposa na maravilhosa viagem ás ilhas da Madeira e dos Açores; mas nem por isso essa viagem tinha menos significação historica, pois era a primeira vez que os nossos monarchas visitavam aquellas dozes paragens.

Essa digressão régia ás ilhas foi um verdadeiro passeio triumphal, em que as ovações populares se foram manifestando num successivo crescendo do enthusiasmo, que frequentes vezes chegou a atingir o delirio.

A viagem á Madeira e aos Açores ficará sendo para Suas Magestades um dos factos mais interessantes do seu reinado e uma das mais bellas recordações da sua vida. Para Portugal, terá sido mais um laço de cordel sympathia a estreitar o povo do continente e o povo das ilhas, celebrado por um espectáculo devéras sensacional, que tanto fascinou os olhos como impressionou o coração de quantos a elle assistiram.

Desde que nas ilhas se teve a corteza da visita régia, seis meses antes d'ella se realizar, os habitantes dos dois archipelagos andavam inteiramente absorvidos pelo contentamento da feliz nova. Na cidade e na aldeia, em casa e na rua, nas salas e nos cafés, nas escolas e nas officinas, em cada logar e por toda a parte, não se pensava em outra coisa, não se falava de outra coisa.

Todo o espirito dos madeirenses e dos açorianos se concentrava, ansioso e alegre, n'essa ideia grata; toda a sua actividade intellectual, artistica e muscular, se expandia alegremente em torno d'este acontecimento.

As creanças, ao acordar, perguntavam ás mães: — "Quando chega o Rei? Os velhos nas suas orações, pediam a Deus que não lhes cerra-se as palpebras sem primeiro verem o seu Rei e a sua doce Rainha."

E dir se ia até que a Natureza pulsava no mesmo enthusiasmo, na mesma alegria, no mesmo delirio!

Ha muito que as ilhas adjacentes faziam votos pela visita de Suas Magestades; ha muito que os povos ilheus queriam ter, embora por momentos, no seu regaço os queridos soberanos em nome de quem eram governados e de quem tinham ouvido tantas virtudes. Foi pois com grande regozijo que aquellos povos laboriosos e bons viram satisfeito esse grande desejo, que era o seu pensamento predominantemente, vevemente.

A grandeza das ilhas dos dois archipelagos, o seu valor intellectual, artistico e commercial, a benignidade do seu clima, as suas bellezas naturaes e finalmente, a sua avultada população, são elementos de tanto valor, que fogem d'ellas as rainhas do Atlantico, as perolas do Oceano, predispõdo-as para um mais amplo futuro, dando-lhes primazia entre possessões portuguezas.

Na suprema occasião da visita dos seus Reis, todas ellas deram um grande exemplo de quanto o trabalho e a força de vontade alcançam, e de como os povos pequenos podem reunir em si, comparativamente, o que outros povos maiores e de mais recursos não chegam a reunir.

A recepção feita aos soberanos na cidade do Funchal, capital da Madeira, deu a justa medida dos progressos materiaes e do requinte de sociabilidade que tornam bem distincta a vida propria d'aquelle archipelago.

A Exposição e Feira Franca inaugurada por essa mesma occasião na cidade de Ponta Delgada, capital do mais importante districto açoriano, que surpreendeu a quem a visitou e calculou os esforços que ali se reuniram, deu a nota caracteristica, verdadeira, de quanto valem os Açores em artes e industrias. Essa Exposição tornou-se um padrão glorioso para aquellas ilhas.

Junto da alma popular dos felizes habitantes das ilhas vibrou fortemente a alma dos seus Reis, na contemplação dos quadros maravilhosos que a Natureza prodiga disseminou pelos dozes archipelagos.

O coração magnanimo dos Monarchas commoveu-se jubilosamente na intimidade do caracter nobre d'aquelle povo e no conhecimento do seu genio persistente nas fainas do trabalho, primeiro elemento da sua altivez digna e da sua ventura no lar.

Ao alto espirito observador de El-Rei foi grato poder conceituar o povo ilheo como modelo de fortes, vencendo as luctas que lhe offerecem constantemente, encarnicadamente, as indomaveis forças que produzem as borrascas no mar e as devastações em terra.

Por muito tempo se ha de conservar no espirito de Suas Magestades a sentida recordação dos bellos dias que se demoraram nas ilhas. Não são factos, nem coisas que se esqueçam — a recita de gala no Theatro D. Maria Pia da cidade do Funchal; o panorama



O cruzador D. Carlos
Navio que conduziu S. M. durante a viagem



A partida — Galéa conduzindo S. M. para bordo do D. Carlos

maravilhoso da Senhora do Monte, onde no ar se derramam os perfumes d'uma vegetação complicada de diversos climas; o passeio á quinta do Palheiro Ferreiro, d'onde se avistam os amplos horizontes que o sol polvilha d'uma chuva de ouro, ao cair da tarde; o baile da Vigia, onde se ostentaram os primores de graça e de belleza feminina das elegantes ilhas da Madeira; a regata na bahia da Horta, onde se observou o denodo e a dextreza dos valerosos marinheiros dos Açores; as danças e os descantes populares na estrada do Capello, matizada de encantadores costumes campestres; a entrada na bahia da Praia da Victoria, onde se deu a batalha bem celebre do dia 11 de Agosto, descripta em uma das mais gloriosas paginas da historia portugueza; a subida ao castello de S. João Baptista em Angra, onde pela primeira vez foi hasteada a bandeira nacional; a revista de gado, nas serras do Paúl, e a corrida de touros em S. João de Deus, que foram os mais caracteristicos e originaes espectaculos de quantos imprimiram novidade e encanto ao aspecto real das festas; a exposição e feira franca de Ponta Delgada, que reuniram os graciosos e valiosos productos da industria e actividade açorianas; o valle das Sete Cidades, onde a orgia da vegetação, explodindo em niagaras de verdura, se espalha no crystal das duas amplas lagoas; os jardins de S. Miguel, que a grande flora dos mais diversos paizes enriquece; o Valle das Furnas, de que o mais habil pincel não poderia jamais pintar a incomparavel belleza, nem a penna mais predestinada chegaria a descrever as deslumbrantes surpresas...

Nunca os Monarchas poderão esquecer o oceano de flores que as mãos carinhosas das jovias ilhas derramaram na sua memoravel passagem pelas ilhas. Nunca os povos dos Açores e da Madeira poderão esquecer tambem o manifesto agrado, o contentamento bem vivo, com que os Reis atravessaram as suas multidões e acceitaram as suas festas.

A divisão naval composta do cruzador Dom Carlos, — que transportava El-Rei, a Rainha, o Presidente do Conselho, o Ministro da Marinha, e as pessoas que mais de perto deviam privar com os reizes viajantes; e dos cruzadores São Gabriel e Dona Amelia, que transportavam o resto da comitiva — dirigiu-se de Lisboa á ilha do



A partida — No Arsenal, á espera da Família Real



Em viagem — S. M. a Rainha preparando-se para tirar uma photographia

plendorosa da Monarchia Portuguesa. O seu nome, a sua fama, universalmente espalhados, attestam quanto a Madeira tem de distincção e de encantos únicos. O fidalgo cavalheirismo dos seus habitantes, a consolidada reputação dos seus vinhos, a excellencia do seu clima e a estupenda belleza dos seus panoramas, são as recommendações que lhe conquistaram uma consagração universal.

A'queelles torrões abençoados, dispersos no Oceano, aodem com frequencia numerosos visitantes movidos pela noticia dos encantos, ou em procura de um clima reconstituinte. São bem numerosas e notaveis as curas de tuberculose operadas sob a acção benéfica do clima madeirense.

O sólo da Madeira, d'uma extraordinaria productibilidade, adaptavel a todas as variedades de culturas, apresenta o mais encantador aspecto, e o mais delectoso que possa imaginar-se, recoberto de uma vegetação exuberante que se eleva até ao cume das suas formosissimas serras, se alastra nos mais profundos valles, e graciosamente contorna os collossaes rochedos.

O Funchal é a terceira cidade do reino. O seu amplo porto, de bocca funda e aberta na costa sul da ilha, fórma uma linda bahia naturalmente abrigada dos ventos. O panorama que se goza quando a vista descança sobre a terra firme, logo que se dobra a ponta do Garajau é deslumbrante; e quando se põe o pé em terra, e nos embrenhamos na formosura da ilha, dir-se-ia que a habítam fadas.

As cupulas de muitas torres de templos, a ligeira sumptuosidade artistica de alguns edificios de mais vulto, as renques de platanos gigantescos e seculares, a alvura das casas, o verde das venescanas e a er-

Porto Santo, que com as ilhas da Madeira e das Desertas forma o archipelago descoberto por Goncalves Zarco e Cristião Vaz Teixeira, e marca, na historia patria, o inicio de um aureo e glorioso periodo em que os portuguezes levaram a palma aos outros povos cultos, e rasgaram as incomensuraveis estradas, até então nunca transitadas, por onde outros, apoz nós, emprehenderam a soffrega conquista.

O archipelago da Madeira é a joia mais artisticamente engastada na coroa esdrasgada da monarchia portugueza.



Em viagem — El-Rei photographando as embarcações ao chegar á Madeira.



Em viagem — S. M. a Rainha

e tão formosa, abria-se acolhedora, n'uma tremeluzente serenidade de mar de verão, como na quietude de um lago. A' direita, o pequeno Monte Queitado, vermelho e negro da sua terra vulcanica; á esquerda o longo braço da Espalamarca, com o seu dorso verdejante de tenros milharres; em frente o Pico, todo despido de nuvens, esfumando-se, como através de uma gaze, ergue no espaço o sumptuoso vulto, gigante de atalaya.

Entre o Pico e a Espalamarca, lá ao longe, a ilha de S. Jorge a desenharse, n'uma longa facha, limitando o horizonte. E ao alto, no ceo alegre, o sol doirando tudo, tornando mais verdes os campos verdes, mais coruscante a coruscante superficie das aguas.

Depois, a tarde morre; o sol descahe. No mar, como azas de gaivotas, passam os brancos pannos das embarcações pequeninas. O Pico, agora, illuminado de chapa, torna-se mais nítido, em todas as suas ondulações e manchas, com os alvos salpicos da casaria pela beira costa. Pouco a pouco o sol se sême; e o Pico, pouco a pouco, torna-se então lilaz, e quando, subito, a luz rubra do poente lhe tere o cimo afoagueado, dir-se-ia que o cinge um diadema em brasa!

No meio d'este scenario magnifico, a pequenina cidade da Horta offerece-nos uma perspectiva encantadora, vista do mar, projectando-se'nua extensa fila de casas graciosamente dispostas, sobressaído torres esguias de igrejas e maccios verdes de arvoredos.

Uma das mais agradaveis digressões que Suas Magestades fizeram na Ilha do Fayal foi a da estrada da Caldeira. A Caldeira é uma grande cratera com mais de 300 metros de profundidade, re-



Em viagem — S. M. a Rainha conversando com o Cons. Hintze Ribeiro, presidente do conselho



Em viagem — El-Rei e a Rainha no tombadilho. Chegada ao Funchal



Em viagem — O almoço da rainha

coberta de vegetação e no fundo da qual existe um pequeno lago.

A quem se aproxima da Caldeira, não parece possível a descida, pois só se vêem precipícios alcantilados; mas ha sendas, embora estreitas e intrincadas, que conduzem ao fundo, sem perigo. Feita a descida, encontram-se pittorescas grutas dispostas de tal modo que, tocando-se qualquer instrumento, por exemplo uma flauta, quem estiver á borda da Caldeira ouve deliciosas harmonias produzidas pelo eco, que repete o som cinco vezes.

No passeio em volta avistam-se todas as freguezias do Fayal, e as ilhas do Pico e de São Jorge, descobrindo-se a cada passo arvores cicicos alagando tapetes de musgos verdes e frescos. Depois, quando se desce, aos nossos olhos maravilhados se desdobra a freguezia dos Flamengos, que é uma Cintra para os fayalenses, de vegetação luxuriante, margens alcantiladas de fetos e trepadeiras, elegantes casas e jardins, e prolongando-se numa estrada que conduz á Horta, orlada de maciços de hortensias.

A visita régia á Ilha do Fayal foi principalmente assignalada por um importante facto — qual o de ser inaugurado o posto destinado ao serviço meteorológico internacional dos Açores. O estabelecimento d'este posto constitue um serviço de alta importancia, que o Capitão Chaves, naturalista notavel no paiz e no estrangeiro, presta á sciencia e á navegação, e a que tambem não foi extranho o Príncipe de Monaco, que muito tem auxiliado aquelle official nos seus estudos, empenhando-se para se levar a effecto o estabelecimento do posto, destinado á previsão do tempo, a estudos magneticos, a observações cosmicas e oceanographicas.

Deixando o Fayal, a esquadra portugueza, acompanhada pelos navios de guerra que a Inglaterra enviara á bahia da Horta para cumprimentar os Reis de Portugal, dirigiu-se para a Ilha Terceira, que tantos titulos, brazões e homenagens historicas tem honrado e honram, e que nem por um momento perdeu o direito á consideração, ao respeito e ao reconhecimento do paiz e dos seus poderes constituidos, pelos serviços indiscutíveis que lha tem prestado, e com um desinteresse que sempre, em todas as conjuncturas, egualou a sua coragem e a sua energia.

Pisando pela primeira vez o solo formoso d'esta Ilha, perola do seu diadema, quiz El-Rei conhecer de perto o céo azul que aqueceu seu agosto. Avô, o defensor das liberdades patrias, pagando assim uma divida de honra, e desejo de conhecer o povo ousado cujo esforço tivera a consagração merecida pelo seu ardor, por sua inquebrantavel firmeza de crenças e pela pureza das suas aspirações liberaes.

Angra do Heroismo é a melhor cidade dos Açores sob o ponto de vista da belleza interior, rodeada de admiraveis panoramas, possuidora de excellentes edificios, ruas espaçosas e bem calçadas,



Em viagem — O primeiro vapor que, á entrada do Funchal, veio saudar as Magestades



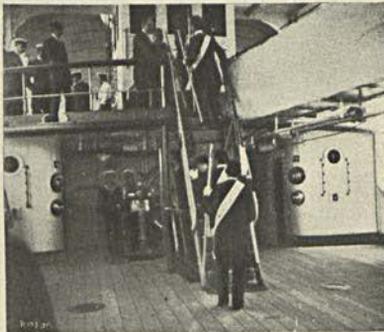
No Fayal — A galeota real

largos passeios, alguns jardins, e recursos de vida apezar do seu pouco movimento commercial em relação ás outras cidades do archipelago.

Angra conserva ainda as suas fidalgarias tradições de antiga capital dos Açores, onde abordavam as caravelas vindas da India, e que por lá deixavam grande parte das riquezas que traziam. Orgulha-se em ter sido côrte de D. Antonio, Prior do Crato, em ter acolhido dentro



Em viagem — D. Maria Francisca de Menezes, dama da rainha, e D. Fernando de Serpa, ajudante de campo de El-Rei



Em viagem — A camara municipal do Porto Santo indo cumprimentar El-Rei

dos muros da sua grande e formidavel fortaleza o infeliz D. Afonso VI, e em terse conservado sempre fiel á causa de D. Maria II, recebendo em seu seio a D. Pedro IV, que ali teve a sua côrte, e em ter sustentado os direitos d'aquella senhora ao throno de Portugal, proclamando ao mesmo tempo, entre balnetas, o dogma da instrucção popular, co-instituição indispensavel para se consolidarem os fructos que provinhão da nova lei fundamental, que trouxe ao paiz uma nova era de redempção e liberdade, collocando no throno d'aquella soberana, como rainha e como educadora, e pela linha da qual o Senhor D. Carlos occupa hoje o lugar de chefe da Nação portugueza.

As festas com que os Monarchas foram recebidos na Ilha Terceira tiveram um cunho muito distincto. Em tudo houve bom-gosto, e muito enthusiasmo. E uma das mais felizes recordações d'essa viagem real ficou sendo a recordação da revista pecuaria e agricola do Paúl, cheia de caracter, de opulencia e de alegria. Era um encanto o espectáculo d'aquellas abundantes pastagens, coalhadas de gado, com erva de mais de dois palmos de altura, as vacas pelas encostas, e em volta a multidão compacta do povo de toda a Ilha que ali convergira, numa abundancia indescriptivel de côres e de harmonias. Não se imagina a grandeza, a animação, o pittoresco d'essa inimitavel festa campesina.

Suas Magestades deixaram a Terceira e os terreos encostas com pezar e saudade dos poucos dias ali passados, mas não tardou que novas surpresas lhes trouxessem não maior, mas quasi igual satisfação á que lhes tinha proporcionado a recepção em Angra.

A esquadra, sempre acompanhada pelos navios de guerra inglezes, entrou no porto de Ponta Delgada por uma formosa manhã d'esse principio de Julho, tão benigno e tão doce sob o clima excepcional das Ilhas.

O aspecto de S. Miguel, visto de fóra, é o mais agradável que se pôde imaginar. Com as suas linhas caprichosas de picos e de serras, vagamente azuladas, vae pouco a pouco, por transições suaves, accentuando os planos, escondendo ou descobrindo quebraças, modificando a perspectiva aerea, deixando assumir côres proprias as grandes massas dos arvoredos.

A cidade de Ponta Delgada é rica de bellos edificios, palacetes e jardins que pela exuberante vegetação que os continentes desconhecem e pela escolha dos mais bellos exemplares da flora de todas as regiões dão-nos a nota alarmante do prazer que deslumbram e que nos domina incondicionalmente.

No meio de um d'estes jardins, d'um grande destaque de opulencia e magestade, fóra preparada a instalação dos Soberanos, que occuparam a residencia habitual dos Condes de Jacome Correia.

As mais sumptuosas alamedas prolongam-se em curvas harmoniosas, com toda a sciencia ingleza da architectura dos jardins, traçadas segundo as exigencias dos terrenos e em vista do maior esplendor da paisagem, orladas de arvoredo altissimo a formar doces, onde rutilam todos os verdes da palhetta: canelias colossaes, loureiros, incensos, cedros, toda a flora do luxo botânico. Que magníficos exemplares de araucarias, agostadas expandindo-se em relvados enormes, e á beira d'elles, tossados como velludo verde,

as ruas areadas arrastando voluptuosamente a sua serpente sinuosa! Que formosos lagos, cheios de sombrios e inesperados recessos, e de ilhotas chumbando de verdura, e despendendo até ás aguas a fimbria dos seus mantos de lianas multicores!

Depois, sahindo da cidade e embrenhando-se nos campos fartos e tranquilos, que maravilhas esperavam os régios viajantes no Valle das Sete Cidades e no Valle das Furnas! As Sete Cidades são a cratera de um vulcão extinto de ha muitos seculos. As escarpadas ribanceiras, estufadas na distancia, fendilhadas do tempo, douradas dos sóes, sombreadas de verdura possante, vão-se alcançando até lá abaixo, ao valle, onde se abrem as duas lagoas incomparáveis — uma verde, a outra azul! As Furnas, onde borbulham as aguas medicinas a cada passo, aquecidas até á ebulição nos intimos da fornalha subterranea. Com essas humidades perennes, e esse calor vivificante, parece que o sólo se desfaz em produção; e a abundancia vegetal rebenta a cada palmo, em exemplares das mais variadas plantas de todos os climas.

ALFREDO MESQUITA.

Aventuras do marquez de Niza

ENTRE os janotas de
E ha meio seculo, ti-
na ha dos primeiros



Em Angra do Heroísmo — Ornamentação da rua da St.

logares — *par droit de conquête et par droit de naissance* — o marquez de Niza, o qual deixou uma fama incomprehenível talvez á geração relamboria, que desponta agora para o tabaco de fumo e para os varios *Robs* de purativos. Falar do marquez de Niza!... Mas isso seria falar de tudo o que havia de mais aforado á elegancia doidivas, ao mundanismo gastador, á *gentilhommerie* transcendental; mas isso seria falar de tudo o que havia de mais *Oril-de-Bauf*, de mais *Parc-aux-Cerfs*.

Seria estudar um curioso problema de determinismo physiologico, seria traçar o retrato psychologico do mestre incomparavel que fazia perder as estribelhas aos mais arditos justadores nos torneos do amor, de um moderno Alcibiades que jámais refugou as Xantippas acomodaticias dos Socrates altruistas.

Um dos casos mais interessantes acontecidos com o marquez de Niza foi o da dançarina Catani, escripturada ao tempo em que o Coletti tenorizava em S. Carlos — O Coletti, o bello tenor que tão grande fanatismo produziu em Lisboa, e que foi amado por uma opulentissima titular, a qual intrepidamente arvorava o pavilhão corsario para não contrabandear sob as côres conjugaes. . . O marquez e o bailarino Theodore requestavam aquella deidade das piruetas, que levantava as pernas á altura de uma instituição. . . e do lustre. Na scena era o ponto de convergencia das linhas visuaes que partiam de todos os binoculos; no camarim, viam-se aos pés d'esse bonito *petit-cour* todos os janotas de repicaponto, todos os leonculos do Marrare de Polimento, todos os Petronius do Chiado, todos os Tenorios de bastidores, a maioria dos quaes ha muito já que dialoga com os guzanos da tabida podridão, ha muito já que resvalou ao negro boqueirão das catacumbas.

Mr. Theodore e o Niza bateram-se ao florete, e n'este assalto de armas perdeu o marquez a luz e o movimento de um dos olhos.

A respeito do marquez de Niza contam-se historietas de muito pice, mediante as quaes se prova que elle — para realisar suas phantasias physiologicas — não hesitava em construir uma ponte de oiro

para entrar na alcova de uma mulher ou em dar uma gaiola dourada a um rouxinol da scena.

Oh! n'insultes jámais *une femme qui tombe!*

O sybaritico marquez, esse novo Waldstein dos legionarios do amor, nunca insultou as que *tombam*. O mas que fazia era levar-as ao primeiro restaurante a fim de se penitenciarem perante as ignurias classicas e o Champagne do arrependimento.

Com aquella mesma companhia de S. Carlos deu-se o seguinte caso emocional. A cantora Fabrica, que andava muito pegadica com o Fidiô do Campo Grande (que depois casou com ella e que tambem viveu amancebado com a actriz Talassi), não desejava ir com a companhia ao Porto, onde o empresario a queria levar. Fidiô combinou com o marquez de Niza, com o Antonio Palha, com o capitão Salema e com outros amigos, o pateava



Chegada de SS. MM. ao Funchal

rem os cantores e obrigarem, assim, a empreza a fallir. Foi então que o marquez de Niza preparou uma pateada de tal tomo e casta, que outra igual não é citada nos fastos do nosso theatro lyrico. Teve artes de metter na sala parte da tripulação da fragata Diana, previamente disfarçada nos aljubetas da rua dos Algiebees, e de aproveitar um intervallo do espectáculo para pôr na plateia a bigorna do Daniel da rua da Figueira, ferrador e dono da cocheira em que os janotas do Chiado guardavam os cavallos. A meio do espectáculo, rebenhou uma formidanda pateada, enquanto se malhava estrepitosamente na bigorna, e, das alturas das torrinhas, se viam apontados os bancos enormes que então as mobilisavam,

e vozes cavernosas gritavam: Guarda de-baixo!

Devido a esta e a outras maneações de igual jaz, a empreza abriu fallencia, e a Fabrica continuou a amar na cidade de *marmore e de granito*.

Fertil em trêtas amorosas, o marquez de Niza commetteu — entre outros peccados veniaes — alguns raptos, que lhe serviam de intercadencia na longa serie de aventuras com as bellezas interlopes que manejavam talher no baquete de Cythera. Uma das raptadas foi a filha de Mr. Menay,



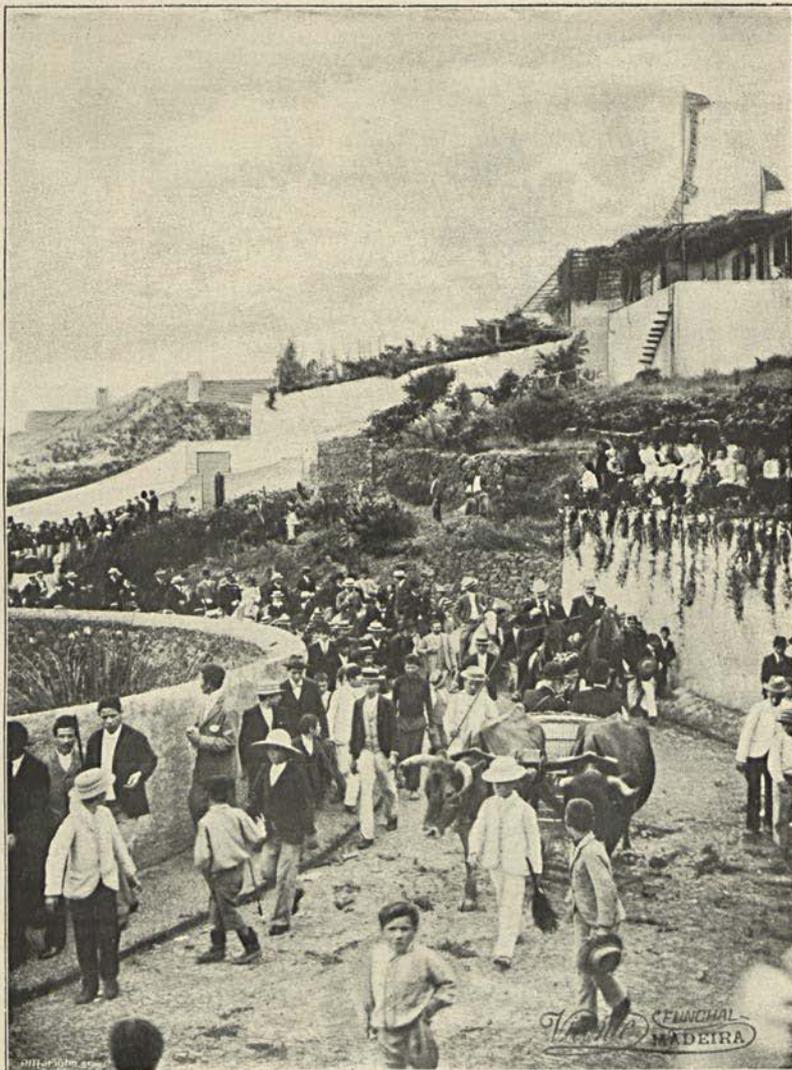
No Fayal — O arco dos boliseros

que exhibia uma phoca ou tigre marinho na rua Nova do Carmo, rapto a que Lopes de Mendonça alludiu no folhetim da *Revolução de Setembro* de 18 de Dezembro de 1848. Essa languida flor de raça estiolada, essa catita bonieca de carne que se poderia esconder no calice de uma rosa, foi gualdripada n'uma sege, que bateu para Cintra — então ponto obrigatorio para estes accidentes pecaminosos —, onde os namoradiços foram viver na intimidade dos sonhos e no calor dos beijos... Ah! E ella era tão seductora com os seus cabellos — toalha de ouro fluido, os seus olhos — saphiras sem jaca, a sua tez de perola e os seus labios de rubi...

A Menay ainda se conserva em Lisboa, e arrasta a sua velhice contristante exercendo as funcções de caixa n'um estabelecimento conhecido. A sua vida cambiou como uma decoração theatral, que se muda a um toque de apito. O ouro dos seus cabellos trocou-se por prata, os seus olhos azues embaciaram-se, a graça impressionante da sua phisionomia de madona tomou a rotundidade lunar de uma carantónha de adiposa mãe de familia. Teve o mesmo destino paradoxal de Mimi Pinson, a poetica companheira de Mürger, que não morreu physica — como ordenavam os canones românticos, como conta o seu amante e como canta a opera de Puccini —, mas que viveu burguezmente ao balcão de um armazem de velharias na rua Taitbout, e, por fim, nos arrabaldes de Paris, onde foi entrevistada por um redactor do *Gaulois* em 1898.

A Perelli, cantora de S. Carlos em 1843, tambem esteve a pique de passar sob as exigencias caudinas do Niza. Estava para ser rapada por elle, mas foi prevenida a tempo e salvou-se da cilada.

A cantora Jenny Olivier, que fazia parte da companhia de S. Carlos em 1841, teve a honra de escolher o marquez de Niza para relogeiro sentimental do seu coraçãozinho. A cantarina — entre cujos cabellos os loiros theatraes se misturavam aos mirtos voluptuosos — era obrigada a cantar no theatro de S. João, do Porto, cuja empreza andava conjunta á de S. Carlos. Mas, como a Olivier não desejava partir, o seu ai-Jesus cortou as difficuldades, presto e de raigota.



Na Madeira — A caminho da Quinta do Palheiro

A Olivier habitava na hospedaria da rua Nova do Carmo, na mesma casa em que se encontra o hotel *Europe*. Tendo, porem, a empreza do theatro mandado collocar sentinellas á porta da rua, na intenção de impedir a fuga da cantatriz, tornou-se necessario dar-lhe escápula.

O marquez de Niza, o seu amigo Thiago Horta (depois ministro das obras publicas) e Manoel Machado (fundador do theatro do Gymnasio) levaram-lhe um fardamento de aspirante de marinha e uma cabelleira loira, com que a diva tomou disfarce.

De bengalinhá á Polka na mão e de charuto havano na bocca, seguiu, com mordente desenvoltura, pela rua abaixo, até chegar á rua do Príncipe, onde a esperava a sege do Mulato — um batedor de mão-cheia —, que rodou para Cintra nas horas de estalar. E lá foram escutar-se, mutuamente, essas onomatopias dengues, que só se articulam no minuto febril em que a alegria é tão aguda que não se sabe se ella se confunde com a dor...



Funchal — A chegada ao eas.
SS. MM. debaixo do pallio

prir o que lhe ordeno, considere-se desde já despedido.»

O pobre diabo dirigiu-se à residência do marquez, e, depois de lhe expor sem ambages a sua situação periclitante, pediu desculpas em barda e repetiu as ordens do jubeteiro bravateador. O fidalgo escutou serenamente e respondeu:

— «Consigna que o seu patrão venha cá, porque não só ajusto as contas com elle, mas até dou uma gratificação de noventa mil réis a você.»

O homemsinho partiu agodado e communicou ao patrão a resposta do aristocrata.

— «Ah! já!...» exclamou todo ancho o impostor fértil em parolas. E foi, no dia immediato, receber a pecunia. Nunca se soube, ao certo, o que se passou entre ambos. Mas o que se soube é que, do colloquio entre credor e devedor resultou trazer o primeiro algumas echimosas significativas na caixa craneana.

Tempo depois, estava o marquez á janella da sobre-loja do seu palacio, quando bispuo o caixeiro, e, desde logo, começo a chamal-o com toda a força dos seus pulmões, ainda não combalidos pela tuberculose. O velhito, porém, mal deu tento á chamada, fugiu com uma velocidade que deixava a perder de vista a doz andarilhos primazes. O marquez desceu a escada, correu atraz d'elle, e entregou-lhe o rôlo dos noventa mil réis promettidos, dizendo ao mesmo tempo:

— «Espere, honesto Mercurio, amaine as azas por um instante, e reciba o preço da nossa convenção. O farroneiro barbatolas sempre cahiu em apparecer. Mas sabiu-lhe o gado mosqueiro! Ao contrario do que elle esperava, fui eu quem lhe passou nas costas o rebico do seu atrevimento.»

Depois de dizer isto, eclipsou-se.

Faz-se ainda referencia a um casamento simulado, em que o marquez de Niza desempenhou requintadamente o papel de el-rei D. Sebastião, alcançando — mercê do embuste — o amor de uma formosa donzella, cuja tia, velha e demente, tinha a creença do sebastianismo, e esperava, portanto, vêr o desejado monarca, que devia voltar aos penates n'uma manhá de neveiro. Este capricho, proprio de um ho-

Assim como Bismarck sabia guardar para si os segredos da estrategia diplomatica, assim o marquez de Niza sabia guardar para si os segredos da estrategia amorosa. Nos seus amorios, interessava apenas a phantasia e a epidemia — esses dois elementos de um amor á Chamfort. Nunca perdeu seus sonhos nas alturas nebulosas do amor platonico.

Tombeur de cours, marido intermitente das esposas dos outros, as mulheres tiveram-n'o sempre pela pelle, jamais pelo coração. Os ensalmadores é que não encontrarão orthopedia applicavel a semelhante manjeira.

Algumas partidas romanescas e varias maganices se averbam em nome do marquez de Niza. Aparentamos duas. Certo alfayate penetra, a quem o marquez devia determinada somma, resto da importancia de fatos, que — graças ao preço excessivo — ha muito que haviam sido pagos, encarregara um caixeiro provecito em annos de receber o saldo. O sastre disse uma vez ao seu cacheteiro empregado:

— «Vá a casa do Niza e diga-lhe, da minha parte, que, se não liquida hoje terá de entender-se commigo, não como eredor, mas como homem que não admite delongas nem zombarias. Percebe? E se não tem coragem de cumprir o que lhe ordeno, considere-se desde já despedido.»

mem que se arruinava a grandes guides, custou-lhe uma quantia respeitavel, porque teve de arranjar guarda-roupa adequado, alfayas, adereços, baixella e côrte, tudo de valor e a valer.

A politica — essa *olla podrida* de tolices e de impudencias — tambem despertou o appetite do marquez de Niza. Depois da Regeneração, creou um jornal, o *Paiz*, redigido por Alexandre Herculano, Andrade Corvo, Antonio de Serpa, João Pinto Carneiro, Ernesto Biester e o eminente poeta Bulhão Pato. Vem á collação dizer que, por motivo de offensas dirigidas ao marquez de Niza pelo jornal *Esperança*, houve um duello á espada entre o capitão Pinto Carneiro (que morreu general de divisão) e Alfonso de Castro, capitão de estado-maior e redactor do *Arauto*. Pinto Carneiro tambem mandou desfalar o D. João de Azevedo, redactor da *Esperança*, mas o duello desassou.

O marquez de Niza deu hospedagem ao general Prim, á marqueira de los Castillejos, sua mulher, e ao general Milans del Bosch, audaz revolucionario, quando emigraram em virtude dos acontecimentos que precederam a queda da monarchia bourbonica em 1868. Milans del Bosch tornou-se assiduo frequentador do Gremio Litterario, onde jogava conspicuamente o volante. A proposito dos dois caudilhos da revolução hespanhola, contaremos uma anecdotica. Quando Prim entrou em Madrid *retour* da campanha de Africa, ia a cavallo e fumava um puro havano. Passados dias, dava-se um jantar no palacio da Buena-Vista, onde estava e ainda está o ministerio da guerra. Milans del Bosch perguntou a Prim qual a razão porque, na sua entrada triumphal, vinha de charuto na bocca.

— E' porque, respondeu Prim, as volutas caprichosas do fumo do charuto me lembram a inconstancia do espirito popular. Hoje glorifica-me; amanhã talvez me arraste pelas ruas da amargura...

— Concordo, replicou Milans.

— Além de que, continuou Prim, o facto não é novo. Vi entrar o general Grant em New-York, depois da guerra entre o Norte e o Sul, e tambem elle ia aspirando as baforadas tepidas de um bello charuto...

— Caramba! exclamou Milans del Bosch. Nota bem que nem tu és Grant, nem a Hespanha é os Estados-Unidos!...

O marquez de Niza envolveu-se com Prim e com Fernandez de los Rios nas negociações entabuladas para que o rei D. Fernando cingisse o diadema de Castilla. Como todos sabem, Prim foi assassinado na calle del Turco em Madrid, no anno de 1870. Este assassinio foi, por muitos, attribuido a Paulo Angulo, intrepido revolucionario, que se refugiou em Lisboa, n'um quarto do segundo andar do hotel Central. A policia poz-se em campo para lhe descobrir o paradeiro, mas elle illudiu-a habilmente, embarcou n'um vapor da agencia Pinto Bastos e seguiu para a America do Sul.

O marquez de Niza morria, em 1873, em Eaux-Bonnes, nos Pyrenéos. O tempo, o mais impiedoso dos credores, pagava-se de golpe... E, em Portugal, a musa da alegria velava-se de crêpes...

Ha um traço de character do marquez de Niza, que não deve escapar aos biographistas. Nos periodos mais convulsos da sua extraganantissima existencia de *viveur*, nunca deixou de ouvir missa diariamente, de se confessar com fre-



Funchal — A sahida da Sé,
depois do Te-Deum

quencia e de praticar a oração mental, como pessoa que recebia de mim alegre sombra de dictames religiosos. Decifre, quem poder, as antinomias d'aquelle espirito. Resolva, quem souber, esta equação psychologica.

PINTO DE CARVALHO
(Tinop).



Funchal — O eues ornamentado. Arco triumphal. À esquerda o palacio de S. Lourenço, onde se alojaram as Magestades.

Caprichos orthographicos

UANDO, n'uma das raras horas de folgado ocio, me dei ao alegre devaneio de commentar varios caprichos da nossa orthographia, mal pensava que o meu despretençioso artigo merecesse a honra de apreciações e censuras do illustre e erudito escriptor C. de F., orthopedista insigne das palavras e locuções que por ahí andam aleijadas e disformes, theapeuta emerito de todas as doenças de que enferma a arte de falar e de escrever portuguez.

Do alto do seu throno, erguido nas columnas do *Diario de Noticias*, me dá o illustre censor as mais captivantes provas de antiga e boa amizade, levando a gentileza a ponto de me fazer auctor de umas melodias, que me não accusa a consciencia haver escripto

lho do amor patrio não está hoje, não pode estar, n'essas obsoletas edições, incompreensíveis para o vulgo e só conhecidas e apreciaveis para raros eruditos; o poema nacional é hoje o que, sem prejudicar em nada a essencia do original, se veste com trajes mais modernos e mais accessiveis á geral apreciação.

Porque uma lingua não é estacionaria e muito menos regressiva; progredie sempre, aperfeicõa-se, modifica-se muitas vezes, mas não volve nunca á origem d'onde proveiu; que ninguém escreve hoje o francez, o espanhol ou o italiano taes como escreveram os auctores de melhor nota litteraria de ha trezentos ou quatrocentos annos.

Ficam as mesmas as palavras, comquanto até, não raro, a sua propria significação varie, mas transforma-se-lhes, sob o influxo de causas varias, a fórma material, o envolvero graphico; tal como nós, que somos as mesmas pessoas no verão e no inverno, variamos de traje ao sabor das estações, não nos vestindo nunca como se vestiram nossos avós, que também não vestiram como vestia o pae Adão.

Certo é que Camões, no seu poder genial, muito fez para o aperfeicõamento da lingua patria, distanciando-a da mistura dos idiomas espanhoes, e nomeadamente do castelhano, com que, desde o berço, andava envolta; mas se muito fez, não veiu, n'este terreno estranho, pôr a ultima columna, ou coluna, como elle proprio diz do valeroso capitão, que primeiro chegou á Índia pela via maritima.

Por isso, pouco se me dá que o sublime épico, pela sua mão escrevesse *portuguez* ou *portugés*, que nem é pela orthographia que os *Luziadas* ganharam fama immortal em todos os tempos e em todas

as partes do mundo culto, nem Camões, com ser poeta inequalavel, passou á posteridade com eguaes creditos de revisor de provas typographicas.

E depois querer só a orthographia original de Camões para lisongear o capricho da regressão á velha formula de *portugés*, com o fim, não vale. Ou tudo ou nada; ou se aceita sem restricção nem correções a fórma graphica do sublime cantor dos nossos feitos, mandando para o demonio os progressos realisados na orthographia e as modas ou as phantasias dos escriptores modernos, ou se não vae buscar argumento de valia, para um caso unico, ao modo de escrever do poeta seiscentista.

Porque o que é o santo codice do patriotismo é a concepção



Funchal — Entrada de SS. MM. no Passeio Publico

nunca, embora não seja pequena a bagagem das minhas publicações de varias indoles e variadissimos assumptos; mas, se, como amigo, seria capaz de me lisongear a vaidade, dado que tão ruim sentimento se me anichasse n'alma, como censor, com a auctoridade da sua competencia na materia, é inexoravel contra a audacia que tive de me sorrir, n'um protesto platonico, da caprichosa innovação de escrever *portugés*, com *ê* circumflexo e *s* final.

Que nunca li a edição primeira dos *Luziadas*, confesso-o sinceramente, e espero em Deus que nunca a lerei, para não ter a desagradavel sensação de desconhecer o poema sublime, de que a memoria fidelissima me guarda cerca de trezentas estrophes, ou seja, pouco mais ou menos, a quarta parte das mil cento e duas que contém os seus dez cantos.

Não! que ver aquelles versos sublimes e familiares envoltos na orthographia original me daria tão irreverente impressão, como contemplar a familia ou os amigos intimos disfarçados em trajes do seculo XVI!

Ovange-



Funchal — Chegada de SS. MM. á Nossa Senhora do Monte
José Ribeiro da Cunha, governador civil El-Rei — A Rainha — Cons. Hintze Ribeiro

sublime d'aquellas estancias, é a suavidade e doçura lyrica de exprimir, affectos é a grandeza épica da descrição dos combates, é o enthusiasmo com que, n'aquelle canto, pulsa a alma nacional, accorde com a alma do cantor.

A forma graphica da palavra é questão muito secundaria diante da grandeza incommensuravel do assumpto que ella exprime, e se os editores successivos tivessem a má inspiração de não aproximarem da moda e do uso corrente a orthographia dos vocabulos, corria-se o risco, — muito peor do que o de não respeitar a orthographia original, — de ninguém ler o poema, que todos os portuguezes deviam saber de cór.

A Biblia tambem se traduz e pôde ao alcance da comprehensão de todos os fieis; pois, com a modernisar a feição orthographica, se lhe vulgarisa a salutar leitura.

Até as doses de Inglaterra, antes da partida, se aperceberam, em tempo breve,

De armas e roupas de uso mais moderno,

tanto o traje, a exterioridade, influe na apresentação das pessoas... e das palavras!

Ora, se o capricho ou lapsus lingue de um rei conseguiu alterar o



o cortejo fluvial — A esquadra fundeada no quadro

genero de um vocabulo, n'uma das linguas mais cultas da Europa, que muito é que os reis do talento, em accordo tacito, alterem a forma de escrever as palavras, que ficam com a sua historia, com a chronica das suas evoluções, a que ha só a additar a apostilla de que, desde tal época, quem tinha auctoridade começou a escrevel-as de maneira differente?

Foi o que aconteceu com o portuguez, assim escripto desde longa serie de annos pelos homens de mais alto valor litterario, de mais funda erudição e de mais acrisolado patriotismo; e pois que os espanhoes, (eu escrevo sem A inicial para lhes ser agradável, visto que elles voluntariamente se decapitaram) persistem em nos chamar portuguezes com s, mantenhamos nós a nossa já tradicional formula de sermos portuguezes com z, com esse z com que nos temos honrado e affirmado durante,

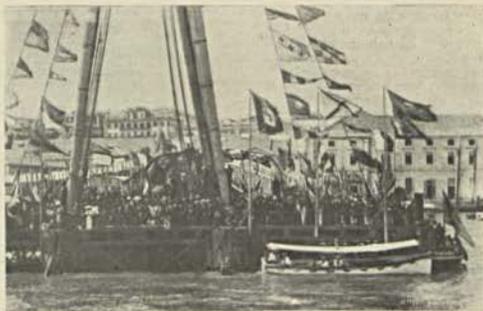
peio menos, o seculo que findou ha pouco.

Mas A. Herculano escreveu portuguis com s, e portanto é preciso curvar a cabeça ao poder de tal auctoridade!

De vagar! A. Herculano escreveu tambem portuguez e pois com o bello z final, n'essa collecção de pensamentos grandiosos, expressos em versos asperos, que se chama *Harpa do crente*; e tal facto, por si só, já modifica a auctoridade do grandioso escriptor, que, embora seja muita, muitissima, não basta para sobrepujar a



o cortejo — O couraçado brasileiro Floriano



o regresso — Na ponte do Arsenal — O desembarque,

Os nossos antepassados, apercebendo-se para o combate, como diz o proprio Camões:

Arma-se de elmos, greças e de arneses.

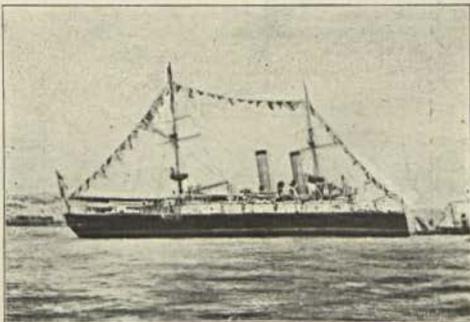
e n'esse tempo seriamos, se quizerem, portuguezes com s; mas hoje, que os nossos valentes soldados de Africa vestem uma fardeta e se cobrem com uma barretina para ganharem victorias notabilissimas, hoje que os nossos marinheiros trajam uma japona e um chapéu para illustrarem o seu nome na lucta com o mar indomito, hoje somos portuguezes com z, porque assim affirmámos a nossa valia, porque assim nos havemos denominado em honrosos documentos officiaes, contra que não podem prevalecer os caprichos orthographicos.

Dos varios commentarios, sementes no meu anterior artigo, nenhum outro mereceu especial reparo do affectuoso censor, o que não quer dizer certamente que elle com todos concordasse, comquanto muito seja para penhorar tal silencio, que lhes dá força; mas por um habil movimento strategico, deixando em paz o que poderia ser discutido, o adversario illustre muda a defeza em ataque e, com todos os requintes da mais fina amabilidade, accusa-me, nem mais nem menos, de não saber escrever o meu nome, porque ousou dobrar o l do meu ultimo apellido.

Vamos a contas, que o caso é para isso:

Quando eu era pequeno, — vejam ha quantos annos isso vaé, — havia uma regra, se não escripta nos codices, tacita e tradicional, que os nomes appellativos, quando se tornavam appellidos de pessoas, dobravam a consoante que podiam dobrar, e n'esta regra entravam tambem os nomes proprios de localidades.

Assim Viana, a formosa villa, hoje cidade, do Minho, que, a esse tempo, se escrevia só com um n, bem como a sua hononyma do Alemtejo passara a escrever-se com dois, quando era apellido, de velha ou nova formação;



o cruzador inglez Australia

assim tambem Motta, Pitta, Rollo, Mattos, Cotta, Netto, Ratto e até Britto.

Foi naturalmente obedecendo a esse preceito que os meus ascendentes escreveram com dois l o seu apellido de familia, e foi assim que eu o herdé de meu paé.

E sendo este l a unica herança que elle me deixou, mais fazendo



El-Rei

parte integrante de um nome honrado e limpo, preso-o mais do que um título nobiliarchico, que me tivesse vindo por successão; e assim se mostra como a pertinacia intransigente dos caprichos orthographicos levou o meu estimado consor, apesar de toda a sua generosidade de animo, a causar-me um damno moral, privando-me de parte do que me pertence, de parte essencial do meu patrimonio, truncando-me e mutilando-me o meu appellido, que nada tem de commum com o suburbio,

Que o nome tem da terra para exemplo,
Donde Deus foi em corne ao mundo dado

Sempre que me refiro a essa terra, escrevo Belem só com um l, mas sempre que se trate do meu appellido, porque elle é assim, escrevo e escreverei Bellem, e grande mercê me fará quem, respeitando a tradição de familia, d'este modo escrever, mandando para o demonio as tyrannias orthographicas, que nem querem que se seja quem sou, nem me permitem que seja portuguez, como nasci e como me baptizei no meu amado paiz.

E dito isto, só me resta agradecer á amabilidade de C.



O regresso — Ao sair do Arsenal. A carruagem real

de F. o ter-me proporcionado ensejo para esta agradável palestra, a preencher deliciosamente uma outra das raras horas de folgado ocio.

A. M. DA CUNHA BELLEM.

Lisboa depois da Batalha de Torres Vedras

— Inedito do 3.º vol. das MEMORIAS —

A BATALHA começou pelas onze da manhã. N'um relance d'olhos Saldanha viu que a tomada do Forte de S. Vicente era o passo capital do assalto. O conde de Bomfim tinha lá dois mil homens da flôr da sua gente. O duque, esfregando as mãos, — todos os homens de guerra tem um tique; o d'elle era esse — bradou:

— «A artilharia!»



O regresso — Ornamentação da Casa da Balança, no Arsenal, onde SS. MM. receberam os cumprimentos

— «Ainda não chegou».
 — «Ximenes?»
 — «Marechal!» O Sola que tome com a brigada o Forte á bayoneta. (1)

Tomar o forte á bayoneta parecia mais que uma temeridade, uma loucura. Sola, com a sua cara de romano e a *impassibilidade d'um automato*, — conheci-o muito, — desembainhou a espada e seguiu a cumprir a ordem. Tomou o forte, apesar de heroicamente defendido. Nas pontes, para a estrada da villa, a refrega foi medonha!

Ali, o regimento 4, commandado pelo major Soromenho, do campo da Maria da Fonte, teve, por um momento, o inimigo desbaratado. O general Galhardo, cunhado de A. Herculano e pae de Eduardo Galhardo, um dos valentes das nossas ultimas campanhas d'Africa, estava do lado do Saldanha, e foi elle que decidiu a batalha com a sua artilharia. Fôra camarada de Soromenho no Cerco do Porto e na expedição que mandámos a Hespanha.

Narrando-me episodios da acção de Torres Vedras disse-me que Soromenho, por milagre, escapára da morte cem vezes n'aquelle dia, como Ney, nas cargas successivas sobre os quadros inglezes em Waterloo.

Soromenho foi prisioneiro, degredado para Angola, e lá succumbiu ás febres do paiz.

(1) D. A. da Costa, H. do M. S. pag. 505.



Em frente da Camara Municipal — O versador, Petra Vianna, levantando uma viva a SS. MM.

O caso dos *Desterrados*, aos quaes se concederam espadas e bagagens, *por se haverem batido heroicamente*, palavras do marechal, no acto da capitulação, é uma nodosa infame sobre o partido reaccionario d'aquella epocha, nodoa que ha de apparecer rediviva na historia d'esses calamitosos tempos. Sobre D. Fernando, como regente, D. Pedro V, D. Luiz, que reinou tantos annos, não cairam felizmente d'essas nodoads. Não cairão, tão pouco, venham que reacções vierem, sobre a cabeça d'el-rei D. Carlos.

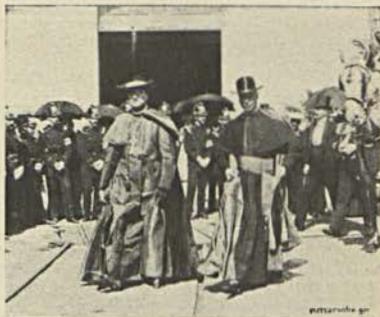
Apesar da noite tormentosa, dos caminhos de Torres Vedras a Lisboa n'aquelle tempo, a noticia de Saldanha ter ganho a batalha chegou á capital, noite velha, e espalhou-se com incrível rapidez logo de madrugada. O aspecto da cidade tornou-se sepulchral. Nem os proprios vencedores se atreviam a manifestar as alegrias da victoria. Centenaes de pessoas tinham nos dois campos parentes carnaes e amigos. Havia como que um cheiro a sangue e a morrião de enterro.

Mulheres, mães, irmãs, amantes reviam do rosto, contraído pela incerteza, alguma coisa de loucura, e, não raro, faziam perguntas desvairadas!

No crescer do dia chegavam ao Hospital da Estrella os feridos; alguns moribundos.

Os grilhetas, a legião sombria d'aquelles desgraçados, que andavam a dois e dois pelas ruas, atrelados como cães por grossas correntes, foram separados para serviço das macas. Que prestito fúnebre!

Pedro Canavarro, o mais bello official do exercito do rainha, moço que em proporções humanas tinha a correção e elegancia do Neptuno de João de Bolonha, logo ás primeiras descargas caiu com uma bala que lhe levou ambos os olhos. O desgraçado pedia aos camaradas que o acabassem. J. Carlos de Lara Everard, do campo dos patuleias, rapaz loiro e espidadito, fervia-lhe a bravura no sangue. Era aspirante de infantaria. Vendendo-se, no impeto da avançada, separado



O Cardinal Patriarcha e o seu secretario



Costa Pinto, presidente da Camara de Cascaes, e Petra Viana, vereador da Camara de Lisboa

a pouco tivemos a noticia de que havia escapado como por milagre e estava em caminho de completo restabelecimento.

Aquelle corpo delgado e elegante era tão sadio e vigoroso como a sua alma lavada e energica. Passada a guerra voltou aos estudos e concluiu o curso de engenheiro. Ahi está o filho, Lara Everard, distincto funcionario da Alfandega e jornalista.

A extrema anciedade que agitava a capital seguiu-se a apathia morna que sobrevem nas grandes catastrophes. A chegada dos presos de Torres Vedras a Lisboa e a entrada d'elles nas presingans do Tejo augmentou ainda o tom mortuario da capital. Uma necropole! Quando algum raro dia d'aquelle tempestuoso inverno rutilava todo azul e oiro, fiseando no Tejo, illuminando os quintaes e hortas

da cidade, Lisboa era porventura mais triste. Ermas as ruas, desertas as praças, janellas cerradas. Aqui e além ouviam-se as risadas cristalinas do rapazio desenfreado, com bandeirolas de farrapos, espadas de cana, dividido em dois bandos, simulando a batalha das vespersas e prenunciando as que deviam seguir-se. As crianças a foliar no meio das grandes tragedias comprimem-nos amargamente o coração, porque nos lembram o *durum genus*, a ferocidade da origem humana! Via-se a cada passo, não a tristeza, mas a miseria impacta nas phisionomias. No Limoeiro os presos politicos, homens respeitaveis como D. Christovam Manuel de Vilhena, Antonio Lucio Tavares Magessi, José Manuel Ferreira de Carvalho, Antonio Palha, etc., etc. Os opera-



A magistratura

dos camaradas, e caindo-lhe aos pés um soldado de cavallaria, deitou mão da espada do defunto, montou no cavallo e atirou-se para o mais acceso do vertice na refrega. D'ali a pouco estava com mais cutiladas e lançadas do que as vinte e cinco do cavalleiro da lenda da Bella Infanta.

No mesmo dia da nova da batalha soubemos que Everard, o nosso condiscipulo da Escola Polytechnica, ficara morto no campo. Lembro-me das lagrimas que chorámos com a sensibilidade dos dezeseis annos. Essas lagrimas foram-nos compensadas quando d'ali



A Camara Municipal de Lisboa

rios absolutamente sem trabalho, todos os generos de primeira necessidade pela hora da morte; nenhuma transacção commercial. Os empregados publicos, com muitos mezes de atraso, acudiam a rebater os seus ordenados por um agio enorme. Quantos d'esses empregados, que pertenciam a diversos batalhões, vi eu trazerem, em pleno dia, debaixo do braço o pão de munição para o repartirem pela familia. As notas do Banco cambiadas por menos de metade do seu valor; os cabos de policia deitando mão aos moços adolescentes, sem distincção de classe, para lhes sentarem praça no exercito da rainha.

Logo depois da capitulação entrou a falar-se em fusilamentos. Não os houve, mas o desterro foi decretado. A noticia soou como dobre de finados. Angola reputava-se então terra para galeotes. A viagem poderia durar seis mezes na ida e seis na volta. Ainda quando n'essa epocha partiam navios para a Africa, mercantes ou de guerra, se ouvia o povo repetindo a lettra tradicional e agoirenta: «Quantos irão que não voltarão!» E aquelles, coitados, de mais a mais, iam para ferros d'el-rei! O desterro deu-se. No dia 1 de fevereiro de 1847, no brigue *Andar*, lá foram. Eram 43! «Quantos irão que não voltarão!»

Duas vezes tenho visto sair navios do Tejo saltando-me dos olhos lagrimas de dôr e de sangue. A primeira foi essa.



Os cyclistas esperando, no Arsenal, a chegada da Família Real

A segunda quando os francezes nos levaram o *Carlos e Jorge*.

Depois, muito depois, já velho, de olhos enxutos — e arida a velhice — vi, do cimo do casal d'este Monte, outra esquadra bordejando, ameaçadora e sinistra como a Iniquidade Omnipotente! A aragem fria e prenúncia do inverno, caindo das assomadas de Cintra, enfunava-lhe o pavilhão soberbo e sangrento. Na orla serena do horizonte o sol do meu paiz, baqueando no mar, sumiu-se nas ondas rubro... de vergonha!

Monte de Ciparica Torre, 1907.

BULHÃO PATO.



Quando a mulher se quer tornar homem, consegue apenas deixar de ser mulher.

Todos os enamorados são mais ou menos poetas; e todos os poetas se julgam enamorados.



Na Estação de Cintra



A corrente e a vida

I

De dura rocha esguicha tenue fio...
Vae limpido correndo brandamente;
E calmo o céu; e no jardim silente
Nada perturba o doce murmurio.

O lyrio, a rosa, a violêta, em trio,
Roubando gottas á fugaz corrente,
Odôr, por sua vez, dão-lhe innocente
Qual o da flôr do prado em pleno estio.

Ao total-a de leve um labio impuro
Recúa, qual se agudo paliuro
O ferisse, ao sentir essa fragrança!

Della a força consiste na fraqueza.
Ella vive á mercê da natureza.
— Semelhante á corrente é nossa infancia. —

II

Deixae que brinquem, Mães, as creancinhas
Nessa quadra feliz, imperturbadas;
Que vôem, quaes gentis borboletinhas,
Nas longas alamedas sombreadas.

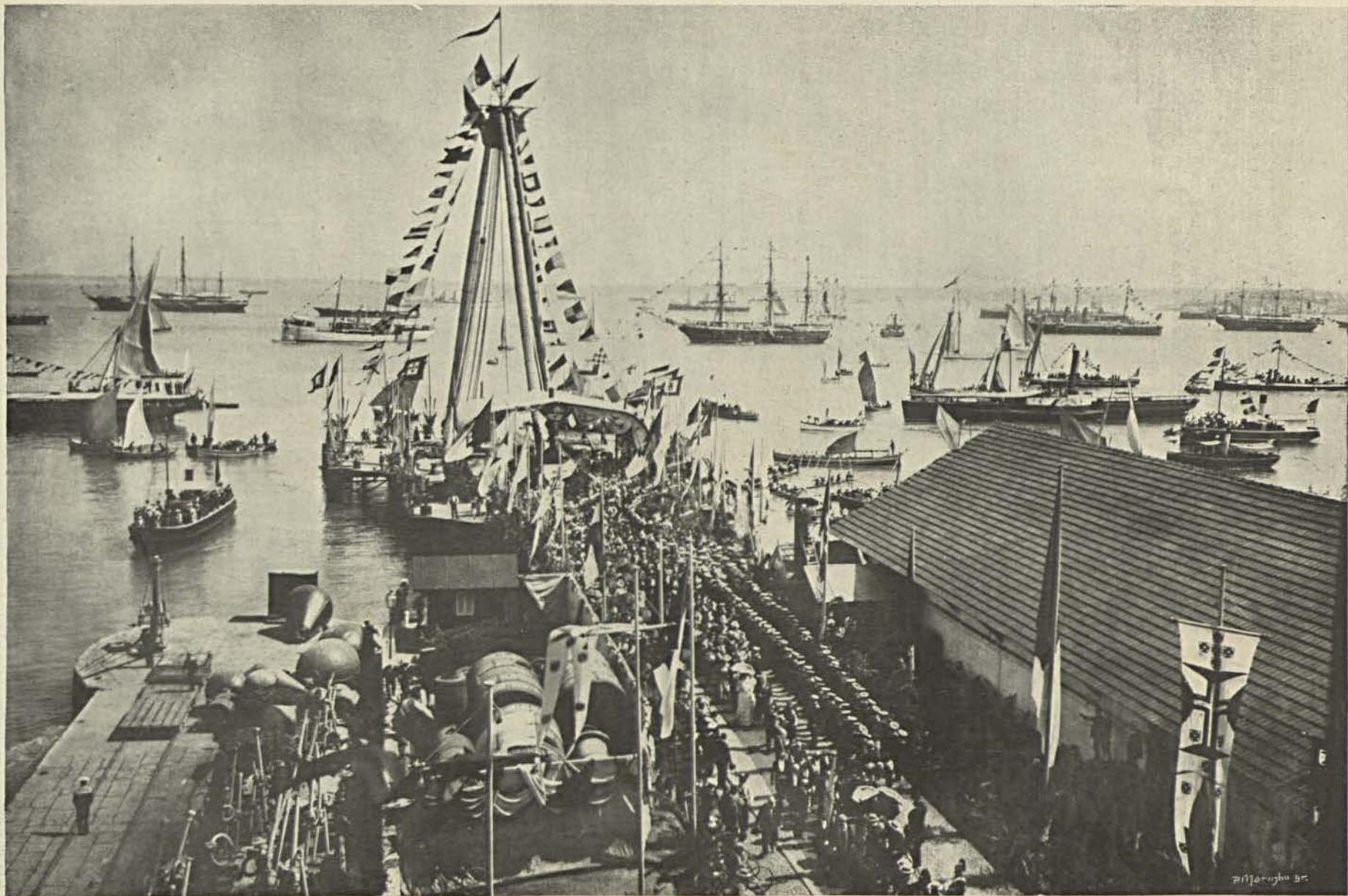
Ellas são, como as plantas, delicadas;
Precisam de ar e luz, como as florinhas.
Quem lhes dêra viver sempre animadas,
E jámais serem grandes, coitadinhas!

Nos corações singelos das creanças
Uma flôr de illusões e de esperanças
Viceja da candura ao róscio puro!

Mas ao sopro da idade as pé'las morrem,
Vão cahindo uma a uma, ao longe correm,
Ficando o pé, sómente, secco e duro.

Do livro *Dos Alpes*.

J. M. CARREIRO DE OLIVEIRA.



Photographia de José Maria da Silva.

O regresso de SS. MM. — Na ponte do Arsenal — O cortejo dirigindo-se para a Casa da Baixa

“Portugal na Exposição de Paris”



José de Figueiredo

Do bello livro de José de Figueiredo, «Portugal na Exposição de Paris», que tem tido um legitimo successo, arrancamos hoje um trecho para os nossos leitores. Por elle poderão facilmente avaliar o brilho e a intensidade da sua forma e a largueza dos seus pontos de vista, em arte.

José de Figueiredo faz parte d'uma pleiade de rapazes que no norte do paiz trabalham rudemente n'este flão sempre novo e inexgotavel — a Arte. E' um dos que mais se impõe ao publico pelo seu talento e pela sua sinceridade. E' um critico — mas um critico desapaixonado e justo, estudando e meditando, tendo na obra de arte não só o seu aspecto exterior — a forma, mas sobretudo o que n'ella ha de immorredouro — a emoção e o espirito.

E' a conclusão do seu magnifico livro que hoje publicamos.

CONCLUINDO: A arte, é certo, desde que deixou a rigidez formular do velho idealismo de escola, e permitiu aos seus cultores o contacto com a terra, ganhou um ambito maior. Abrange assim na pintura, tanto a profunda simplicidade d'um Holbein, como a exuberancia rutila de Rubens; interessando-a parallelamente, na esculptura, a linha serenamente olympica da «Venus Callipygia», e a mascarca expressiva, ainda que menos correcta, da famosa romana «Agrippina». Seja porém, como fór, essa evolução estacou, e a arte moderna nada tem avançado, ultimamente. A paisagem, de ha alguns annos para cá, tem-se até banalisado, desde que o scientificismo geometrico de Monnet, e dos outros impressionistas, facilitou, como nunca, o abuso do decalque. O retrato, salvo rarissimas excepções, não tem agora a importancia de intenção que achamos nos antigos. As infantas, de Velasquez, por exemplo, são hoje impintaveis, porque esses modelos, consequencia do allinoamento cuidado d'uma raça, já não existem. A vida tem caldeado e profanado tudo, acabando a demolição das castas com o respeito indispensavel a essa serenidade que illuminava, antigamente, as figuras dos grandes senhores. Os santos e os illuminados, esses foram-se com o mysticismo... A arte querendo, portanto, continuar a viver e ser grande, tem que ir procurar a outra parte essa sua fé e intensidade, hoje perdidas.

Se não a allumia já a religião de Deus, transforme-se e faça-se de si mesmo uma religião. E como passou de mera distracção a educadora — deixando de preoccupar-se com a simples belleza da forma, para fixar santos e descrever batalhas, dizer hondades e pintar heroismos — metta-se com as multidões e tente ser sua conselheira, visto ellas, tendo reivindicado os seus direitos, quererem, tambem agora, por sua vez, fazer ouvir o seu conselho. Como ao theatro que, apesar dos obstaculos da rotina e da má orientação do publico tende, presentemente, a transformar-se d'obra de divertimento em obra de educação e combate, ás artes plasticas o caminho mais nobre que lhes resta é, a meu vêr, o da sua socialização e acção educadora sobre o povo. N'esse sentido alguma coisa se tem feito já. A pintura de Raffaelli está para esse movimento, cujo principal cultor é, incontestavelmente, Carrière, como a dynamite para o christianismo de Tolstoy. Aquellas são as precursoras d'estes. A exhibição do vagabundo, usado pela idade e gasto pelos soffrimentos da fome, erguido n'um retalho tão typicamente tragico da *banlieue* parisiense, revolta a quem o vê, como um retrato carregado da desigualdade da actual organização social. Carrière, porém, no seu «Théâtre Populaire» — a mais ousada tela que conheço —, reunindo centenaes de figuras n'uma sala de espectaculos, e amassando-as ali na mesma tonalidade que é

a da unidade de sentimento que as liga, e pondo-as em frente do tablado que as atrahê como a luminosidade clara d'uma idéa, esboça já um remedio que para a desgraça foi, e, ha de ser sempre o unico de todos os tempos — o ideal.

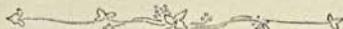
Querendo viver, a arte do futuro tem de ter esse caracter mystico de religiosidade, embora menos liturgico, e mais terra a terra do que o antigo. Isso ao passo que o homem, civilisando-se, e podendo prescindir da falsidade occa e decorativa da feeria, seja digno d'elle. Impotencia d'artista (?), e qual a não sente deante do Espirito, o vago com que Carrière envolve as suas telas, é talvez — quem o sabe!?! —, uma concessão á nossa alma, que deante dos Grandes Problemas, se ajoelha, e exige, para olhal-os, uma atmospherã de sonho e de mysterio.

A arte, assim, eleva-se como a mais infima e humilde parcella, quando é olhada por quem a sabe comprehender. E se não é já a arte regional que atraz, tão afinadamente, defendemos, é de maior, porque a sua grandeza lhe vem, não só da grandeza do assumpto, mas ainda da do espirito que lhe soube dar vida e sonho. E' por isso para os que se julgarem capazes de tão grandioso poder, e só para esses, que nos tambem aqui a aconselhamos.

Os outros? Os outros esses devem lembrar-se sempre que, se a arte não tem paiz nem conhece fronteiras, e é de muitos e para muitos, exige, entretanto, para ser dada assim, que o que a intenta seja capaz da largueza de tão amplo golpe de vista. Os que não tiverem tão larga visão, pintando para todos, pintem, portanto, sobretudo para os que comprehendem e fallem a sua lingua. Para isso bastalhes que vejam justo. E se a vida lhes correr alegre e os não preocupar uma grande ancia de mysterio, ahí tem para o encantar todo o tão intenso pittoresco do nosso campo: — fanfarras de luz e de cor soando na sua maior pujança e bisarria. Atraz do verde d'uma bouça, o branco d'uma herdade, e logo atraz, o encarnado d'um telhado; tudo com o forte arreganho d'um inviolado fructo maduro. Rios e horisontes com tanto arê e transparencia, que, só com essa sua luminosa claridade, para logo evocam mil outras mais maravilhosas paesagens.

Se, entretanto, ao seu contacto com a terra, um outro mais alto desejo os ganhar, não lhe ponham peias. Satisfaçam-n'o. E partam até para o paiz da chimera, mas com a condição de que d'a mesmo se não esqueçam nunca que, muito longe, entre pinhaes, os acompanha o fumo etherico d'um casal que os viu nascer. Essa lembrança — que os não deixará desnacionalisar, — ser-lhes-ha uma saude, e é n'ella que devem inspirar-se, pois nenhuma outra melhor poesia poderia ter para envolver e tocar as suas obras.

JOSÉ DE FIGUEIREDO.



Um suspiro para o que foi, um sorriso para o que será, eis a vida.

PAUL BOURGET.

A popularidade d'um homem de Estado no seu paiz mede-se em geral pelo mal que elle faz ao resto da humanidade.

N'uma direcção christã encontra-se muita vez muito pouco christianismo e muito pouca direcção.

ERNESTO VERSET.

Ha no presente coisas que só o passado explica; o que foi explica o que é.

G. BOISSIER.

Política Internacional

30 de Junho de 1914.

AS VARIADAS questões que no actual momento complicam a politica internacional, ha que apontar a pouco tempo idio indicando n'estas revistas, ha que accrescentar a questão albanesa, que parece querer reentrar n'um estado agudo. E' talvez de todas as questões, que na península balkanica esperam solução, a mais grave, e a que se apresenta com aspecto mais ameaçador.

Além d'isso é a que constitue a verdadeira pedra de escandalo da triple Alliance, por pôr em confronto os interesses irreductivelmente antagonicos da Austria e da Italia.

O tratado entre as tres monarchias impõe o respeito do *status quo* na Albania aos gabinetes de Vienna e de Roma, não ha duvida. Mas os interesses nacionaes, — eufemismo diplomatico que se inventou para mascarar as ambições de expansão territorial, — tem mais força do que a letra de qualquer tractado, logo que essa letra contrarie taes interesses. E é este o caso presente.

Por um lado a Austria, depois que a sorte das armas primeira-mente e depois a politica astuta de Bismarck a converteram de potencia germanica n'um estado hungaro-slavo, vendo-se máo grado seu empurrada para a península dos Balkans, deseja tirar todo o partido possivel da sua nova situação. O que lhe despertou o appetite n'esta direcção foi a annexação da Bosnia e da Herzegovina, quasi imposta pelo congresso de Berlin e onde mais uma vez o machievelismo do chanceller de ferro conseguiu o fim desejado — complicar a situação dos vizinhos, suscitando entre elles rivalidades que se oppo-zeem a uma futura acção em commun contra o imperio germanico.

A Italia por outro lado, já lubrificada em Tunis, que ella sempre considerou como colonia sua, não pôde consentir que a Austria se estenda pela costa oriental do Adriatico, onde Trieste é bastante para lhe acrirr o ciúme. Além de que esta parte da península balkanica entra na esphera das reivindicações do irredentismo italiano, que, não obstante todos os protestos officiaes, continua sempre com a sua propaganda.

Entre a Austria e a Italia a questão albanesa apresenta-se, pois, irreductivel. Mas o que mais complica ainda o assumpto, é que a este respeito os proprios albaneses tem tambem uma opinião, que naturalmente está em conformo com as das duas nações acima indicadas. Os skipetars (assim se chamam os albaneses a si proprios) não são povo de cujos destinos as outras nações possam impunemente dispor sem previa consulta. Foram sempre uma raça forte, aguerida e ciosa acima de tudo da mais completa independencia. Por isso tem verdadeira importancia a attitude d'elles n'esta questão.

A *Stribles Glasz* («A voz servia») noticia que os chefes das tribus albanesas tiveram uma conferencia em Ipek, e que entre outros assumptos discutiram qual deveria ser a attitude da população skipetar no caso em que uma potencia qualquer tentasse occupar a Albania, e se por consequencia se deveria consentir na construcção de um caminho de ferro através do Sandjak de Novi Bazar.

A conferencia, depois de largo e acalorado debate, votou por unanimidade a seguinte resolução: «Em caso algum se permitirá o prolongamento do caminho de ferro da Bosnia através do Sandjak de Novi Bazar, resolvendo nós oppormo-nos a semelhante prolongamento se tanto for preciso pelas armas.»

E', como se vê, um verdadeiro *ultimatum*. E o peor é que o caracter dos albaneses não permite illusões a respeito do cumprimento d'esta ameaça.

O partido liberal inglez, o antigo partido *whig* que tantas paginas gloriosas inscreveu na historia politica e social da Inglaterra, está em crise, talvez devamos até dizer, em plena dissolução. De resto era este o resultado previsto da sua primeira scisão, principalmente depois da morte de Gladstone. Como se sabe, foi o projecto do *Home rule* para a Irlanda, apresentado ao parlamento e com tanto calor defendido pelo *Great Old Man*, a causa que determinou a crise, na qual se separaram do grosso do partido os chamados «unionistas», á frente dos quaes se achavam, entre outros, lord Harrington e o actual secretario das colonias.

Foi este o primeiro golpe no partido liberal. O segundo deu-lh'o a ephemera chefatura de lord Rosebery, homem evidentemente de apreciaveis dotes intellectuaes, mas politico mediocre e hesitante, ao qual além d'isso faltava o prestigio do grande chefe retirado da vida activa. Finalmente a guerra sul-africana determinou a definitiva des-integração do partido. Não ha meio de dentro d'elle caberem as oppos-tas orientações, que n'este momento dividem a opinião publica ingleza. Por um lado John Morley, o mais leal amigo de Gladstone e o seu mais fiel discipulo, continua a defender a tradicional politica dos *whigs*, e com uma pertinacia, que circumstancia alguma consegue abalar, mantem-se como d'antes o mesmo entusiasta partidario da *little England* e das reformas sociaes. No extremo opposto, e igualmente intransigentes, estão lord Rosebery e o sr. Asquith, ex-ministro

do reino no ultimo ministerio liberal, detensores da politica do governo conservador com relação ao Transvaal e partidarios não menos entusiastas do que os proprios ministeriaes da *greater England* e do imperialismo chamberlano.

E' no meio d'estas duas tendencias extremas e irreconciliaveis que por sua vez procura dirigir a vacillante marcha do partido o *leader* da opposição, o successor de Gladstone na chefatura, sir Henry Campbell-Bannerman. Não ha duvida que sir Henry é um politico experimentado e sympathetic, mas faltam-lhe as condições de prestigio e de força para se poder impôr ás rivalidades que dilaceram o partido, que elle apenas nominalmente dirige. Pouco importa que os liberaes na reunião plenaria realizada ha dias no *Reform Club* tenham unanimemente aprovado um voto de confiança ao seu presumido chefe. Nem por isso a crise se conjurou, e a prova está na carta publicada já depois d'essa reunião por lord Rosebery, carta que vem accentuar ainda mais a scisão, tornando impossivel toda a tentativa de reconciliação entre os grupos dissidentes. O voto de confiança dado a sir Henry Campbell-Bannerman foi inteiramente pessoal, deixando portanto ficar de pò e irreductivel a divergencia fundamental, que não é apenas um modo de ver differente a respeito da guerra, o que seria dissidencia transitoria, mas distincta maneira de comprehender o imperio e até a propria existencia d'elle, o que representa scisão definitiva e irreparavel.

Com razão diz lord Rosebery na sua carta, que emquanto uma das duas tendencias não predominar no partido liberal, a acção d'este agrupamento continuará paralyzada para a politica ingleza, que no momento actual se caracteriza pela permanencia no poder de um governo fraco graças á impotencia de uma opposição mais fraca ainda.

Como sair de semelhante situação não é facil prevêê-lo. A imprensa conservadora e a independente com o *Times* á frente pedem, quasi intinam, lord Rosebery a que saia do retratamento que a si proprio impoz desde que em 1896 resignou a chefatura do partido liberal. No dizer d'esses jornaes, o ex-primeiro ministro *whig* é o unico homem que n'este momento está em condições de restabelecer, pelo menos a metade de todo o partido liberal, pelo menos a unificação dos seus mais valiosos elementos. Mas será isto assim? Ou não representará pelo contrario a volta de lord Rosebery á vida politica activa do partido, que elle já em tempo tão poucofortunadamente dirigio, mais um elemento de perturbação e dissidencias partidarias? Só o futuro pôde responder ás duas interrogações, que ahi ficam formuladas. Em todo o caso esta situação anomala da politica ingleza, mais perigosa para a Grã-Bretanha do que todos os reveses que os seus exercitos soffreram no Transvaal, não pôde prolongar-se, sob pena de se desorganizar a machina até hoje tão perfeita do regimen constitucional no paiz, que lhe foi berço e d'onde com melhor ou peor fortuna irradiou para toda a Europa.

Uma crise ministerial, que pôde ter graves consequencias para o futuro do paiz, acaba de dar-se na Hollanda. Como primeiro resultado das eleições legislativas, em que os liberaes foram litteralmente esmagados pela colligação conservadora, o ministerio Pierson viu-se obrigado a apresentar a demissão, não tendo até agora o telegrapho annuciado ainda o nome do seu successor. No entretanto o novo presidente do conselho parece naturalmente indicado, se attendermos á composição da nova maioria e ao modo como ella foi recrutada. A segunda camara dos Estados-Geraes era composta, antes das ultimas eleições, de 54 liberaes, 3 socialistas e 47 conservadores. Nas eleições que acabam de realizar-se, dos 54 deputados liberaes apenas o conseguiram ser reeleitos no primeiro escrutinio, sendo provavel que poucos mais se salvem nas eleições de desempate. Não podia ser mais estrotonda a victoria da colligação conservadora capitaneada pelo Dr. Kuyper, o futuro presidente do conselho indubitavelmente, conhecido no mundo politico neerlandez pelo suggestivo cognome de «papa calvinista».

A feição mais curiosa da colligação, que derrubou do poder o ministerio Pierson, é o clericalismo heteroclitico dos diferentes grupos aliados. Assim ha na actual maioria clericaes catholicos, clericaes protestantes, calvinistas e anti-papistas. Como poderio estes grupos entender-se, logo que seja necessario, em vez de empregar os processos negativos, bons para alcançar uma victoria parlamentar, collaborar n'um programma de governo com unidade de vistas e plano determinado? E' esta a principal difficuldade que no seu caminho va encontrar o Dr. Kuyper. Tambem a situação internacional do futuro gabinete clerical não é das mais facias, attendendo á logosa politica pro-boer, a que em grande parte a presente maioria deve a victoria, que a levou ao governo. Verdade seja que a atmosfera do poder costuma em geral ter effeito salutarmente sedativo sobre estes entusiasmos. Mas então é a situação interna que se enfraquece.

CONSILHEIRO PEDROSO.

MODAS



Fig. 1
Chapéu «marquis»

Chapéu «marquis»

Fig. 1

Em palha crua e de forma tricornie. Fitas de velludo preto enfeitam as frentes da aba que é toda orlada por uma grinalda de rosas sem folhagem.

Em volta da copa laçadas de fitas estreitas de velludo preto.

Camisa de noite, fechada, para creança

Fig. 2

Guarnecidas as frentes de preguinhas e entremeios bordados, é franzida na extremidade. Mangas largas, apertadas em baixo n'um estreito punho.

Folhinhos bordados guarnecem as mangas e o decote.

Vestido para «garden-party»

Fig. 3

Muito elegante e distincto este vestido em mousseline «liberty», genero Pompadour.

A saia pregueada de espaço a espaço em pregas pespontadas que formam costura e bastante fundas para darem roda aos gomos que se veem na gravura, é fechada atrás por uma costura envidada.

Corpo estylo Luiz XV. Sobre um furro bem justo é montado um meio corpo coraça em seda rosa, desenhando um grande bico na frente e tendo aos lados botões de *atrass* e fitas de velludo preto. Sobre este corpo um bolero de mousseline decotado sobre um espelho de renda crua e fechando no peito com um laço de velludo preto, velludo que também guarnece o alto do bolero. Manga curta pelo cotovello, com altos virados e largo folho de renda.



Fig. 3
Vestido para «garden-party»

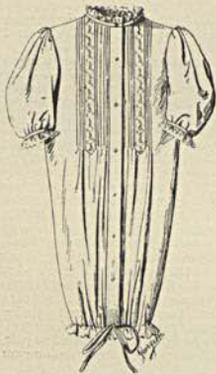


Fig. 2
Camisa de noite para creança

Gola em velludo preto e chapéu tricornie em palha rosa, guarnecido apenas com um chow de velludo preto.

Vestido de recepção

Fig. 4

Em crepe da China gris prateado. A saia cortada em forma é guarnecida de um alto folho feito em duas partes. Quatro ordens de entremeios de *guipure* enfeitam a saia, vindo formar adiante um estreito avental. O corpo é todo em pregas miudadas, ligeiramente decotado e guarnecido com uma larga renda de *guipure* que forma *plastron* na frente e pequeno bolero *atrass*. Manga em *guipure* assente sobre um duplo tufo de crepe da China.

Vestidos de passeio para meninas

Fig. 5

O primeiro em cassa branca com platinas cor de rosa para menina de 9 annos. A saia é franzida e guarnecida em baixo com dois entremeios e um folho de renda.

O corpo em forma de blusa é montado sobre um grande espelho de cassa branca ás preguinhas e enfeitado com um entremeio e uma larga renda. Manga um pouco tufada terminando por um punho, guarnecido de entremeio.

Chapéu de palha com uma grinalda de flores.



Fig. 5
Vestidos de passeio para meninas

O segundo vestido é de *voile* aos quadradinhos para menina de 8 annos.

Saia feita de dois folhos, com pequenos grupos de pregas cosidas ao alto. Estes folhos tecem na extremidade largos vireos de setim vermelho. Corpo blusa com grupos de pregas formando a cintura. Cruza no peito e é guarnecido de dois cabeções de setim vermelho sobre um pequeno espelho de *guipure* creme. Manga larga em dois tufos apertada n'um punho por baixo do cotovello. Larga fita na cintura com pontas caídas e chapéu á maruja em palha de phantasia.



Fig. 4
Vestido de recepção

Fig. 4

Casaco para menina de 4 annos em seda alvadia. É todo pregueado ao alto sendo as pregas pespontadas e guarnecido por um grande cabeção,

enfeitado assim como as frentes, com uma trança de phantasia. Manga larga também pregueada ao alto e guarnecida na extremidade com a mesma trança. Pequeno petilho de renda e laços capota em gaze de seda rosa com granaes de setim.

O quarto e ultimo vestido, para meninas de 5 annos, é de seda branca. A saia cortada em forma, mas bastante larga em baixo, é guarnecida de uma renda de *guipure* dourada, cujos bicos são atravessados por uma fita de setim em toda a roda da saia.

Corpo franzido na cintura, tendo um espelho da mesma renda, com os bicos atravessados por uma fita, como na saia e rematando no peito em dois pequenos laços. Manga larga, pregueada ao alto e formando tufo abaixo do cotovello.

BRASIL PORTUGAL

Composição e Impressão

Texto e caps.: Companhia Nacional Editora
Largo do Condé Barão, 50

Paginas supplementares: Off.º Escrição Nunes & F.º
Rua d'Assumpção, 18 a 24

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores

Augusto de Castilho, Jayme Victor, Loriz Tavares
Editor — Luiz Antonio Senchies

Redacção e administração — Rua de S. Roque, 125
Ead. telegraphico — BRATUGAL — LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA	ESTRANGEIRO
Anno.....	Moeda brasileira.....	Anno.....	Moeda estrangeira.....
Numero avulso.....
	30000	5000	75000
	20000	2000	4000
		15000	2000
		500	500

SUMMARY

Vizgem real aos Açores e à Madeira — ALFREDO MESQUITA.
Aventuras do Marquez de Niza — PINTO DE CARVALHO (Timop).
Caprichos orthographicos — A. M. da CUNHA BELLEM
Depois da batalha de Torres Vedras — BULLIÃO PATO.
Politica Internacional — CONSIGLIER PEDROSO
Zambêia — AUGUSTO DE CASTILHO.
Exposição de Paris — JOSÉ DE FIGUEIREDO.
Modas.

PAGINAS SUPPLEMENTARES

Os nossos correspondentes.
Dr. Egas Moniz.
Cartaz da Quinquena.
A situação na China — (Conto mudo).
O agente do «London & Brazilian Banks» em Pernambuco.
Electricidade — ONIVAL.
Taurromachia — EGYDIO D'ALMEIDA.
As distracções do sr. Bernardes — (Conto mudo).
O NOSSO JORNAL — (A quinquena noticiosa).

42 Illustrações

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A imprensa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes representantes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO e B. PAULO — (Agencia Central dos Estados do Sul) Coronel Theodilo Papo de Moraes e José Martins Polito, Rua da Alameda, 4, sobrado.
PERNAMBUCO — A. Leopoldo da Silveira.
PARAÍ — J. H. dos Santos — (Livraria Classica) — Rua João Alfredo, 50.
MANAOS — Jayme & Camara — Livraria Classica — Rua Guilherme Moreira.
PARANAHÁ — Leoncio J. de Medeiros & C.º
CEARA — Salles Torres & C.º
BAHIA — José Luis da Fonseca Magalhães (Livraria Magalhães) — Rua Direita do Palácio, 28.
SALVADOR — Carlos Pinto & C.º (Livraria Americana).
PORTO ALEGRE — Carlos Pinto & C.º (Livraria Americana).
RIO GRANDE DO SUL — Carlos Pinto & C.º (Livraria Americana) Rua Marchal Floriano, 100.

Em Africa

MOÇAMBIQUE — Julio Augusto Pinto de Carvalho.
MOSAMBEQUE — Joaquim Teixeira de Assumpção.
SULLIMANE — Henrique Jorge de P. Neves.
BENQUILLA — Mathias & Tavares.
LOURENÇO MARQUES — D. Bernardo Heitor da Silveira de Lorna.

BOLAMA (Quinés) — Cesar A. Gouveia da Silva Roman, Tesoureiro geral da provincia.

Na India

NOVA GOA — Antonio M. da Cunha — Casa Luzo Francesa — Rua Adolpho de Albuquerque.

No Continente

PORTO — Joaquim Caldas e Brito, Rua Pinto Bessa, 28.
EVORA — (Agente geral em Evora e no Sul) Leite Freire Correia, Rua de Ladeira, 18.
BENAVENTE — J. N. R. Carvalho.
PONTE DE LIMA — Gamma, Amaral & Com.º.
GOIMBRA — João Ribeiro Arrobas, Arco do Ivo, 1.º.
CAST.º LILIO BRANCO — Padre Augusto Passos.
BLANTIER — Antonio Augusto Salgueiro.
ELVAS — João Antonio dos Santos Sobrinho.
ALCOBAÇA — José Narciso da Costa.
PORTALEGRE — Domingos da Guerra Conde.
LEIRIA — Manuel Pereira Dias.
FIGUEIRA DA FOZ — Antonio Marques da Oliveira.
VIANNA DO CASTELLO — J. B. Domingues.
CORUHE — José Pereira Cabral.
TAVIRA — José Maria dos Santos.
FAIO — José e Trigo.

No Estrangeiro

PARIS — Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 10.

Dr. Egas Moniz

O dr. Egas Moniz Barreto de Aragão, que, ha tres annos, tantos serviços tem prestado a esta empreza, continúa sendo, a nosso pedido, correspondente litterario, e representante do Brasil-Portugal na Bahia.

Brevemente publicaremos o primeiro de uma successão de artigos curiosos sobre factos historicos d'aquelle Estado, que nos foram promettidos pelo notavel escriptor brasileiro.

A SITUAÇÃO NA CHINA



Cartaz da Quinquena

S. Carlos. — Estão já escripturados para a futura época os seguintes cantores:

Regina Pacini, Gemma Bellincioni, Emma Carrelli, Adele Sthele, Feba Strakosch, Maria Corri, Cloe Marchesini, Maria Grassó, Adalgisa Minotti, Clorinda Pini-Corsi, Giuseppe Anselmi, Alessandro Bonei, Giuseppe Borgatti, Edmondo Clementi, Edoardo Garbin, Giovanni Zenatello, Giuseppe Kaschmann, Delfino Menotti, Antonio Pini-Corsi, Vincenzo Ardito, Oreste Luppi, Edoardo Ciccolini, R. Francalancia, Federico Carbonetti, Umberto Machze, maestros, Luiz Mancinelli, Ettore Perosio, Marco Fod o Beniamino Lombardi; primeira bailarina, Alice Stocchetti.

D. Maria. — Entre os originaes novos que se annunciam para a proxima época, conta-se uma peça de Affonso Gayo, intitulada o Quinto mandamento.

Avenida. — A magica O Cabo da Caçarola posta em scena com um luxo desusado; guarda roupa esplendido, primores de scenographia e de magia e musica nova, está despertando justamente as attentões do publico.

Rua dos Condes. — O Boneco, parodia de Escapulio e de Dias Costa á opereta franceza A Boneca, agradou bastante.

Proveem os preciosos Vinhos de Adriano Ramos Pinto

ELECTRICIDADE

III

Continuando a descrever as varias experiencias que se podem fazer com as machinas electricas, vamos tratar de uma das mais interessantes: o tubo sem illuimie.

É este constituido por um tubo de vidro com um metro de comprimento no qual estão collados tres pequenos losangos de estanho dispostos em espiral e de forma a deixarem entre si pequenos intervallos. Nas duas extremidades do tubo estão adaptadas duas virolas de cobre; uma d'ellas faz-se communicar com a machina electrica e a outra com o solo por meio de cadeias metalicas. Logo que a machina funcione vê-se saltar entre as pontas dos losangos de estanho pequenas faiscas que d'uma casa ás escuras dão o aspecto de uma espiral de fogo envolvendo o tubo.

— O caçador electrico é uma pequena figura que dispara a sua espingarda sobre qualquer objecto metalico que se lhe apresente.

Para construir este aparelho é necessaria uma chapa de vidro, uma folha de estanho e uma figura metallica representando um caçador tendo a espingarda apontada; a folha de estanho é collada ao vidro e sobre ella se colla o caçador.

Para alvo arranja-se um arame grosso sobre o qual se fixa um pequeno passaro de metal e completamente isolado.

Electrizando a folha d'estanho sobre a qual está o caçador e aproximando d'este o fio de ferro onde está o passaro, vê-se saltar uma faísca, o que dará a illusão de que o caçador disparou a sua espingarda; e a descarga será tanto mais violenta quanto maior for a folha d'estanho e mais forte a tensão da machina.

— Uma experiencia tambem de facil execucao é a do lençol magico.

Consiste n'um quadro de vidro forrado de folha de estanho n'uma das suas faces, no qual se tem desenhado por meio de um estyete metalico um desenho qualquer. Fazendo-a communicar d'uma parte com o solo e d'outra com a machina, saltarão faiscas entre as varias solucoes de continuidade e o desenho apparecerá subitamente illuminado.

— Os dados magicos; para executar esta experiencia precisamos uma chapa de vidro e tres dados feitos de medulla de sabugueiro nos quaes se terão desenhado os pontos por meio de tinta da China. Apoiada a chapa de vidro sobre dois livros de modo a deixar um certo intervalo entre a face inferior do vidro e a meza, collocam-se n'esse intervalo os tres dados.

Em seguida esfrega-se o vidro com um lenço de seda até que os dados se vão collar á sua face inferior; vendo o numero que os pontos dos tres dados apresentam, espera-se alguns instantes e torna-se a contar. Posto que ninguém tenha tocado no vidro apresenta-se agora um numero diferente; alguns segundos depois teremos ainda outro numero diverso dos dois primeiros.

A explicação é simples; a face do dado em contacto com o vidro electrizando-se perde a sua adherencia a pouco e pouco; e um momento ha em que apenas lhe adere por uma aresta; mas n'essa occasião a face visinha não estando electrizada é atrahida e vem adherir ao vidro; a mudanca da face collada traz consigo a mudanca dos pontos, e portanto do numero que representa a sua somma.

— As sombras electricas; é uma outra experiencia de facilissima execucao.

Para a preparar arranja-se uma chapa de vidro perfeitamente lavada e na qual se executa por meio de um pincel embebido em glycerina um desenho qualquer; deixando-o em seguida secar o mais possivel.

Para fazer a experiencia basta collocar a chapa sobre dois livros com a face pintada virada para baixo; entre os dois livros collocar-se um pouco de pó de cortica e em seguida esfrega-se o vidro com um lenço de seda ou de lin. O pó de cortica será atrahido e adherirá ao vidro no sitio onde houver glycerina. Podem-se preparar umas poucas de chapas com desenhos diversos e mostral-os successivamente.

ORAYAL.

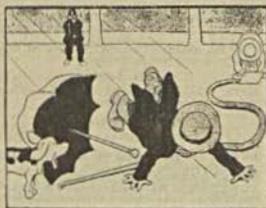
A mulher surprehe o marido a beijar a criada:

— Ah! triante! Apanhei-te com a bocca na botija!

O marido protestando:

— O' menina! Botija, aquella rapariga tão galante!...

As distrações do sr. Bernardes



III

O agente do «London & Brazilian Bank»
em Pernambuco

TAUROMACHIA

Campo Pequeno

Podem-nos alguns assignantes de Pernambuco, que aconselhamos ao *London & Brazilian Bank*, que mande substituir o gerente que ali tem, um tal sr. Daniel.

A *Empreza do Brasil-Portugal* reforça esse conselho.

O *London* tem tradições de seriedade bem conhecida, seriedade que o seu representante apparente não conhecer, e torna-se necessario que o banco inglez l'ha'ça lembrar.

Transacção feita sob palavra em Pernambuco vale uma escriptura. O sr. Daniel desconhece este preceito, e atropella o sem cerimonia. Mostre-lhe, pois, o *London & Brazilian Bank* que a deve ser o seu representante, e indique-lhe a urbanidade, amabilidade e correção intelligente dos seus empregados (especialmente um) ou substitua-os; mas substitua-os com justiça, depois de bem se informar.

E acabou-se.

N'um restaurant:

Entra um inglez, e, apontando para a lista, pede que lhe tragam o lebre.

— Sim, senhor, vem já! — diz o dono do restaurant.

— Olha que já não ha lebre, diz-lhe a mulher em voz baixa.

— Cala-te, mulher! Dá-se-lhe vitellas assada: é inglez, não percebe.

Temos estado silenciosos sobre tauromachia, não por falta de assumpto, porque no Campo Pequeno tem havido varias corridas, mas porque outras coisas nos tem chamado a attenção, impedindo-nos de prestar o nosso concurso a esta pedicção, o que hoje fazemos o mais resumidamente possivel, visto que o espaço não abunda e o calor correi como uma navaja barbeta.

Depois da corrida a favor da Assistencia Nacional aos Tuberculosos, em que distinctos astros, despois estropiaram alguns dos doze touros reses a primeira que se realizou, no Campo Pequeno, foi celebrada, em 13 de Junho, pelo cavalleiro José Bento d'Araujo, que, a um dos dez corruptos de Estevão d'Oliveira, lidados nessa tarde, mostrou o celebre fascinador illusionista de rezes bravas, D. Tancredo Lopez, que aguentou o guapamento duas investidas do bello *brorrendo em colorado*.

Esta corrida satisfaz o publico, posto que a ella faltasse o epetado *Chicuelo*, cujos honorarios José Bento prometteu á Associação da Imprensa Portugueza, que, até a esta data, aguarda um aviso do generoso cavalleiro, para lhe mandar o recibo d'aquella importancia, que nos consta ser meos ma.

A seguir a este beneficio, os dois bandarilheiros Theodoros e Cadete, realisaram a sua festa a 30 do mesmo mez, e d'esta feita tambem não houve *espada* para se entender com os dez *mercurios* de Emilio Infante, que mandou para os quatro cavalleiros, José Bento, Fernando d'Oli-

veira, Casimiro d'Almeida e Joaquim Alves, outras tantas amejos de se lhes tirar o chapéu.

A um outro cavalleiro, que também entrou na corrida como amador, o filho de Casimiro d'Almeida, coube o *torito* mais maneável, e, por isso, no seu posto, andou bem, não querendo nós dizer com isto que os de profissão não tivessem também cumprido o seu dever com grande vontade.

Os peões *seguram* e *quartearam* varios pares, segundo o costume, ouvindo palmas sympathicas, especialmente os beneficiados, que recebem muitos e valiosos brindes, salientando-se os de Theodoro, que andou bem, além de um rico fiquero de prata, uma bonita e valiosa capa de cortezas, feita por sua esposa, e em seda lilaz com golpes de ouro e pedras de cores.

O *diestro* da Golegã, com o busto envolvido n'aquelle *guerrita* moço, estava mais ufano do que o proprio *Cuerrito* em tardes de sorte!

Quinze dias depois, em 7 de julho, reabriu a praça do Campo Pequeno as suas portas para nos dar a corrida em beneficio de Fernando d'Oliveira, o primeiro cavalleiro portuquez.

Foi uma tourada brilhante, em que todos os artistas se esmeraram em agradar, conseguindo o seu fim.

Fernando, como de costume, farpouo primorosamente os seus touros, com ferros largos, sahindo com Joaquim Alves para lidar o 6.º cornupeto. Houve só duas sangrias, porque o bicho não se prestou; mas em compensação ambos os cavalleiros *nijaram* frequentes vezes em redor do cornupeto, não conseguindo fazel-o sair da sua apathia.

Joaquim Alves, nos outros ferros compridos, andou bem, e o seu collega Simões Serra esteve superior na collocação d'esta fereggem e da volta curta, ouvindo o applauso merecidos.

Outro artista, que, além de Fernando e Serra, escutou longas ovações, foi o *espada* Antonio Montes, que soltou passes de capa e *muleta* com o primor e a perfeição com que o fazia o ex-matador Rafael Guerra (*Guerrita*). Também bandarilhou, mas o seu trabalho com o *trapo* e a *percalina* foi muito superior.

Os nossos peões, dentro do limite dos seus recursos, buscaram pães e conseguiram o resultado almejado, especializando Manuel dos Santos, Thomaz da Rocha e *Camario*, que collocaram bons pares a *quebrão*, a *sego* e a *cuarteio*.

Estes dois ultimos toureiros deram cada um o seu *salto de garrocha*, e competiram bem no uso dos *palitroques*.

A nota triste da corrida foi dada por um lamentavel desastre succedido a Manuel dos Santos, quando banda *alhava* o 7.º touro. Nesta vez o fogoso toureiro intentou o *quebrão* com insistencia, e mettendo-se no terreno do cornupeto, para o obrigar a arrancar. Foi colhido por este, fracturando a perna esquerda ao cair.

Levado á enfermaria da praça e depois ao hospital de S. José, ali ficou internado, onde ainda se conserva por conta de Fernando de Oliveira, que lhe tem feito todas as despesas do tratamento.

Neste momento, o estado de Manuel dos Santos é muito satisfactorio, devendo retirar-se-lhe da perna, dentro de breves dias, o appareho gessado, de novo sistema, que é uma das maravilhas da inventividade humana, porque permitiu áquelle artista o andar em moletas logo ao segundo ou terceiro dia.

A vista d'isto, estamos como aquêlê actor na *Verberna*, que dizia:

*Las ciencias adelantan
que es una barbaridad*

Esquecia-nos fazer referencia ao gado, que foi fornecido, em duas metades, por Emilio Infante e Luiz Gama. Assim, eram cinco touros do primeiro e cinco do segundo, que apresentou bellos touros de casta, com a poder extraordinario.

Tambem nos olvidava a lide de um touro á *vava larga*, como é de uso fazer-se em campo aberto.

Como se sabe, o espaço d'uma arena é muito pequeno, e por isso os dois campinhos, que simulam o *casão*, sahiram-se mal do seu intento, porque os peões de quem montavam foram colhidos bistas vezes.

A gente de forquilha succedeu-lhe o mesmo, porque os bichos de Gama, com aquellas forças inextinguíveis, derubavam os forcados como simples soldadinhos de chumbo.

Depois da nossa informação touromachica da tourada de Fernando d'Oliveira, resta nos agora descrever muito succintamente, porque o espaço é curto, o resultado das corridas realizadas posteriormente na nossa primeira praça.

Primeiramente cabe a vez á de 14 de julho, promovida pelo cavalleiro Maguel Casimiro, que apresentou *toritos* de Estevão d'Oliveira, de Pancas, e que, por não infudirem respeito emquanto a apresentação, tamanho e idade, foram lidados muito facilmente.

Touream a cavallo, além do beneficiado, José Bento d'Araujo e José Casimiro, cumprindo todos o seu mandato.

Casimiro Senhor lidou o 4.º touro com bandarilhas de *mette-e-saca*, enfeitando a rez com muita felicidade e brilho. Nos ferros largos tambem ouviu palmas, e, na occasião opportuna, recebeu os brindes, que é de uso e costume dar a todos os artistas que fazem beneficio.

Entre a gente de pé houve um *salto de vara*, dado por Francisco Xavier, e uma *sorte de cadete*, feita por Silvestre Calabaca, que despertaram um certo enthusiasmo, assim como tambem agradou incondicionalmente o toureiro executado pelo *espada* Faico e do seu acolyto *Magzantino*, que é um novilheiro de Madrid.

Como musicos, abrilhantaram a corrida os que fazem parte da "Banda Marcial Artística" e os socios de um *fandango* da Moita, pomposamente intitulado "Banda Estrella Moitense".

Como forcados tivemos uns valentes *muchachos* da borda d'agua, com o *Fressura* á frente, admirando-se as pégas da ordem, commentadas as com bordoadas do costume.

Passando á descrever a corrida seguinte, que foi excellentemente organizada pela empresa Batallas & C.ª, não deixaremos de notar antes, que tal função, apesar de estar annunciada como a 3.ª corrida extraordinaria, era a n.º 13 da época. Além d'isso foram lidados mais de 13 touros, intervindo no combate mais de 13 lidadores, e, havendo tantos numeros *trepe*, é claro que o resultado não seria bom por completo.

A primeira pessoa que soffreu com tal azar foi o *ganadero*, o sr. marquez de Castello Melhor, que mandou 13 cornupetos descendentes de gado hespanhol, e que por agora não quiseram honrar a precedencia, posto que não se recusassem em absoluto a marcar nos vultos, que se lhes approximavam demasadamente das ponteadas hastas, aliás bem resguardadas em solidas camisas... de couro.

A gente de *coleta*, muito bem representada pelos tres *Bombas* e suas respectivas *cuadrillas*, portou-se divinamente, tirando todo o partido possível dos touros do sr. marquez.

Executaram sortes variadas com as bandarilhas, com a *muleta* e com o *capote*, utilizando-se do *estoque* tão bem quanto possi el.

Os seus peões fizeram o mesmo, sobreshahindo o *Rodas*, que *cuarteou* um par dos que se fixam sempre.

Os nossos não se excederam, porque não poderam, havendo no entanto applausos positivos e negativos para todos, que eram Jorge Cadete, Torres Branco e Francisco Cruz, que, pela primeira vez, transpôz os humbraes das portas da arena do Campo Pequeno.

A cavallaria, que compunha um esquadrão formado por José Bento d'Araujo, Fernando de Oliveira, Manuel Casimiro e Simões Serra, trabalhou muito, em continuas correrias, em redor das rezes do Carregado, forçando por singular-se o mais que podiam e de accordo com o que se ordena nos mandamentos taurinos.

Emfim, a tourada foi, como já dissémos, a 13.ª da época, e, por isso, não podia ser boa, como de facto não foi nem podia ser, porque ha certos numero que são sempre fatidicos.

Outro tanto não podemos dizer da corrida seguinte, em beneficio de Simões Serra, que ultimamente tem vindo a olhos vistos no conceito do publico, que lhe apressa, além da sua modestia, o seu alto valor como equitador entendido no seu mister.

Simões Serra e Fernando d'Oliveira tiveram as honras da tarde na lide, a sós, do 6.º touro, e sem auxilio de capas, farpando com arte e deixando depois esplendidos ferros curtos.

Foi uma lide brillantissima, que agradou immenso o que desejáramos muito ver repetir.

Nos peões, a primeira figura era, sem contestação, o *espada* Antonio Montes, que moveu a *percalina* e o *trapo vermelho*, e empregou as bandarilhas e o *estoque* com a maior naturalidade e desassombro, conservando o publico em constantes manifestações de ruidoso applauso.

Antonio Montes evidenciou-se um artista muito *equal*, tanto na formula como na execução, o que lhe dá foros de toureiro consumado e de toda a confiança para qualquer empreziro.

Os seus dois bandarilheiros, Calderon e *Camplio*, collaboram bem na obra do seu chefe.

Os bandarilheiros portuquezes, que intervieram na corrida, eram Jorge Cadete, Torres Branco, José Martins e Luiz Canario.

O primor teve o *capotismo* de seguir para o Porto, depois de já estar comprometido para tourear na corrida de Simões Serra, e, por isso, foi substituído, á ultima hora, por Silvestre Calabaca.

Emfim, o Cadete, que devia levar baixa do posto, cedeu o logar a Calabaca; e deixou bom substituto, porque vimos este ultimo realizar uma boa *sorte de gata* no 2.º touro e largar alguns outros pares em que as *entradas* e as *sachilas* foram falhas de graça, mas não isentas de valentia.

José Martins e Torres Branco salientaram-se na *brega*, *correndo* os touros incansavelmente e com conhecimento de causa.

Nas bandarilhas não podemos dizer o mestor. E enquanto ao *Camario*, devemos confessar que as honras foram todas para elle, pois *canbiou* um grande par no 3.º touro e *cuarteou* outros de grande merecimento n'este mesmo bicho e no ultimo.

Teve uma grande ovação, tão ruidosa quanto prolongada.

Para terminar as resenhas d'este mez, vamos concluir, dizendo que os forcados, que trabalharam n'esta corrida, eram todos *aficionados* conhecidos e desempenharam o serviço de pagadores em attenção e obsequio a Simões Serra, que brindou todos com esplendidas photographias emolduradas.

GEYDIO D'ALMEIDA.

— O N S S O J O R N A L —

(A quinzena noticiosa)

Um caso curioso

Os indigenas do Barné
A influencia portuqueza na Africa
Vassalagem mentirosa

Uma carta da Beira denunciou o seguinte facto interessante que veio quebrar um pouco a monotonia da escassez de noticias de interesse politico:

«Vae para quatro mezes, propalava-se aos quatro ventos, que o coronel do exercito inglez James Arnold, inspector geral de exploração da Companhia de Moçambique, conseguira, durante a sua digressão pela Zambesia, uma coisa que

nenhum portuquez poder fazer nos ultimos dez annos.

O que seria? Dizia-se que entrara em negociações com o regulo do Barné e que este promettera submeter-se mandando para Lisboa dois indunas prestar vassalagem ao rei de Portugal.

De facto, dois prestos seguiram para o reino e com elles o coronel Arnold o tenente Costa e um interprete. A Companhia de Moçambique, está visto, pagava-lhes a passagem, abandonando além d'isto ao sr. coronel Arnold vencimento por inteiro — 120 libras mensaes — como se estivesse em serviço.

Não faltava nada para esta embaixada europeica-cafrea. Até os competentes dentes de marfim iam cuidadosamente acondicionados em uma caixa de pinho.

Os presos chegaram a Lisboa, foram recebi-

dos em audiência solenne pelo Rei de Portugal como representantes do regulo do Barné, tiveram jantares e festas, e, como se natural, ficaram admirados vendo o nosso Portugal, e a maneira como tinham sido tratados.

A seu turno, o governo pensou logo em galardão os serviços do sr. Arnold e do seu secretario, sr. Lane, resolvendo condecoral-os.

Quasi ao mesmo tempo, seguia para Barné o tenente da armada sr. Pinto Bastos estabelecer um commando, leve, e como seu secretario o secretario do sr. Arnold e um interprete inglez.

E aqui é que o caso mudava de figura. O regulo do Barné riscava com navalha a cara dos machileiros do sr. Pinto Bastos, e mandava-lhe dizer que não entrasse no territorio, porque não queria ter nada com os portuguezes.

Aparece agora na Beira o sr. Lane a contar peiores coisas do regulo, pelo que a Companhia de Moçambique pensa em organizar uma expedição de 500 homens para combater a quem os sr. Arnold e Lane dizem ter jurado fidelidade á nossa bandeira e potera á sua disposição dois indunas com os competentes dentes de marfim para prestar vassalagem ao nosso Rei.

Ora, antes de mais nada, é preciso accentuar que o governo portuguez n'este assumpto não metteu (como vulgarmente se diz) prego nem estopa.

As negociações com o famigerado regulo do Barné, foram entabuladas pela Companhia de Moçambique, que tem poderes magísticos, sem previo conhecimento do governo; a embaixada veio, e foi recebida e verdade por El-Rei, mas a instancias da Companhia e depois do governo ter annuado á que os dois indunas fossem acompanhados ao Paço por um official portuguez o que se fez; o governo não concedeu mercê alguma honorifica nem ao official inglez no serviço da Companhia, nem ao seu secretario.

Em protesto ao facto revelado pelo correspondente da Beira, apparecem estas duas urticantissimas cartas, uma firmada por um distincto official do nosso exercito que conhece muito bem a questão, o sr. Freire d'Andrade e outra pelo antigo administrador do territorio da Companhia de Moçambique o sr. Meyrelles do Canto.

Damos as duas cartas como documentos indispensaveis por illucliação da questão. Aqui estão ellas:

Liaboa, 30 de julho de 1901.

Sr. Redactor:

Tendo apparecido em varios jornaes conceituaes da capital, algumas considerações n'estas exactas sobre os acontecimentos do Barné e sobre os sr. coronel A. J. Arnold e Luciano Lane, ao serviço da Companhia, fundadas sobre uma correspondencia da Beira, em que de algum modo se pretende pôr em duvida a verdade dos factos passados com os mesmos, permitto-me v., que diga algumas poucas palavras sobre o assumpto.

Em primeiro lugar o coronel de cavallaria Arnold, um dos officiaes mais distinctos do exercito inglez, com largas folhas de serviços nas colonias de Africa, accetou o lugar de inspector de exploração, que, pela Companhia de Moçambique lhe foi offerecido, e prestou á companhia excellente serviço na Beira, onde, sendo os habitantes mais influentes, inglezes, e o coronel Arnold muito interessado por todos, evitou muitos attritos, que de outro modo difficulhariam o andamento regular dos negocios do governo da companhia. Quem, como eu, conhece o coronel Arnold, não poderá de modo algum pôr em duvida a sinceridade e boa vontade com que sempre trabalhou em prol do territorio, ao serviço de cujo governo estava. Quanto a Luciano Lane, nem um dos seus muitos amigos, que os tem, poderá suppor nem de longe que elle se associasse á *farçada d'uma supposta embaixada africana*.

O que se passou foi seguinte: de ha muito que o regulo do Barné é um embaraço para os portuguezes, sendo o seu territorio o refugio de todos os malleitores dos paizes circumvizinhos. Por motivos que não venho agora narrar, detesta elle os portuguezes e portanto a Companhia, tendo por fim tentado por mais d'uma vez obter a protecção da British South Africa. Sendo isto, o coronel Arnold lembrou-se de que poderia abrir os territorios do Barné, sem as largas despesas d'uma guerra africana, se recebido pelo Macombe, lhe fizesse ver que não

poderiam ser accetees pela British South Africa os seus protestos de vassalagem, e que pelo contrario teria tudo a ganhar, se se submettesse ás ordens da Companhia de Moçambique.

Mas para isso era necessario ir ao Barné, e o regulo não permitindo lá a entrada dos empregados da Companhia, o coronel Arnold, que para tratar de outros assumptos, era obrigado a ir alli, seguia pela Inhanga, acompanhado de Lane e d'um inglez chamado Johnson, que muito bem conhecia o Barné; e, depois de ser recebido pelo Macombe, fez com elle um tratado de vassalagem e trouxe os dois indunas, hoje tio fallado, tendo pedido o regulo que elles viessem a Lisboa.

Passou-se então o que todos sabem, mas entretanto no Barné; o regulo era de posto e obrigado a fugir, indo para o territorio inglez. E quando os emissarios do tenente Pinto Bastos, que melhor do que ninguém conhece o paiz e é conhecido dos indigenas, alli chegaram, não os deixaram entrar, nem a elles, nem áquelle official, que fora nomeado para administrar aquelle territorio.

Não aprecio, nem quero apreciar os factos e a politica seguida em todo o assumpto, pois isso me levaria muito longe e tem sido norma da minha já um pouco longa vida nas colonias, o não trazer para a imprensa assumptos, que a paizão e os interesses, t'io sobreexcitaveis em Africa, podem fazer ver de modos bem diversos. Vendo porém os nomes de duas pessoas a quem estimo e digno julgas de consideração e estima de todo o homem de bem, envolvidos no que se chama aqui uma *farçada africana*; e que a elles custou alguns mezes de áduros trabalhos e privações, do seu tio apreciado jornal para dizer que podem Arnold e Lane, não terem sido bem succedidos por circumstancias independentes da sua vontade na empresa que tentaram, m-m que nenhum d'elles é homem que venha affimar falsidades no intuito de alardar serviços, e tambem que, por da sua parte tentaram ser tratados com absoluta dos territorios do Barné, não julgo devam ser tratados menos justa e cortezmente

De v., etc.

A. Freire de Andrade.

Sr. Redactor das *Novidades*:

Sinto ter de pôr em evidencia o meu obscuro e modesto nome, mas julgo, ao mesmo tempo, do mais elementar dever vir informar a v. e aos seus leitores dos seguintes factos.

Quando o sr. A. J. Arnold, tenente coronel inglez, ao serviço da Companhia de Moçambique, acompanhado do empregado portuguez o sr. Luciano Lane, se dirigiu da Beira á Zambezia, por via do Barné, e eventualmente celebrou um ajuste provisório de vassalagem com o respectivo regulo, seguiu em todas as minhas insuções, pois o governador do territorio, era eu.

Se os resultados n'este caso fossem tão favoraveis como os de outras resoluções, que tive de tomar como governador, abster-me-hia, como sempre, d'uma publicidade, que se não coaduna com as minhas idéas,—mas, visto que o caso não correspondia ao que, com algum fundamento, se esperava, justo é que as responsabilidades vão a quem de direito devem tocar.

Na administração do territorio da Companhia de Moçambique a auctoridade concentra-se toda no governador, e não é justo, portanto, que hajam de responder perante o publico os que se limitaram a cumprir as ordens recebidas, embora para isso houvessem de desenvolver todo o tacto, lealdade, e intelligencia, que o caso presente como sempre, foram spanago do digno official inglez e dos que o acompanharam.

Pedindo a v. a fineza de mandar inserir estas linhas no seu meu tido jornal, sou com toda a consideração

De v., etc.

F. Meyrelles. do Canto

Navegação para o Brasil

Vae haver uma grande reunião de negociantes, commerciantes e armadores do Porto, para se tratar da fundação de uma empresa de nave-

gação a vapor para o Brasil, com o capital de 500 contos, com o fim de estabelecer carreiras semanais p'ra os portos do Brasil, de forma a poder-se desenvolver o commercio de exportação para a America do Sul.

A empresa adquirirá para esse fim os vapores antigos da Mala Real Portuguesa que estão á venda.

Esta idéa está tendo no Porto muitos adeptos e mereceu tambem do commercio de Lisboa uma excellente accção.

O cruzador «Floriano»

Este navio brasileiro que novamente entrou no Tejo, como dissemos, juntamente com a esquadra que conduzia da viagem ás ilhas os Monarchas Portuguezes, demorou-se uns 10 dias no nosso rio, tendo offerecido na vespera da partida, um elegantissimo baile, a bordo, a varias familias com quem os officiaes se tinham relacionado em Lisboa.

A officialidade depois de ter ido a Cintra apresentar as suas homenagens á Rainha, e de ter jantado em casa do consul brasileiro o sr. Vieira da Silva, que a reuniu n'uma festa intima, muito cordal, e muito distincta, assistiu em Pedrouços aos sr. Vieira da Silva e sua esposa residentes actualmente, a uma recita e festa offerecida pelo Club d'aquella praia.

As *deserti* fizeram-se brindes entusiasticos aos dois paizes. A direita da genti dona da casa sentou-se o ministro do Brasil.

A Sé de Lisboa

Tem havido varias vistas officiaes á Cathedral, para se estudar a forma de a reconstruir na parte que se salvou e na que ameaça ruina. O Ministro das Obras Publicas encarregou o professor da escola industrial de Leiria, o sr. Karrodi, Suizo, de fazer um projecto de reconstrução para ser estudado pelas instancias superiores.

Um drama pungente

Drama de miseria, drama de desespero, drama de loucura, em qualquer das categorias pôde ser um offerecido o drama que a dias se desenvolve em um pequeno bairro da Beira, nas Picoas, a dois minutos da capital. Em uma casa terrena, com uma porta e uma janella, vivia uma pobre mulher, magra, e nova ainda, coxa de um pé, com dois filhinhos, José de 10 annos e um pequenito de 3. Joaquina da Silva que era este o seu nome, vivia sosinha, amando doidamente os filhos. Trabalhava bem em obra de alfaiate, tratava lindamente as creanças, prodigava-lhes amor e carinho, e os carinhos, mais a sua cabeça e o seu coração, um tanto levianos, andavam sempre á brigas.

Joaquina amava X..., mas se V... lhe apparecia, Joaquina ficava perdida por elle. De quando em quando, n'este continuo *chasse-crois* de amantes, Joaquina enfurecia-se sem querer pensar que effectivamente a culpa era d'ella, e não crebro esquecido, era só um drama tragicomuntar os filhos e suicidar-se.

Durante annos, varias tentativas fizera e ainda na vespera do triste caso que temos para contar, ella procurou, com um fogareiro, muito bem fechado no quarto sem ar em que os filhos viviam, dar-lhes a morte pela asphyxia. Accediu-lhes a tempo a visinhança, e Joaquina, sem dar bem explicado do facto, succumbiu, mas a manhã seguinte, logo muito cedo, sahio de casa com o filhinho mais novo ao collo. Viram a as visinhas. De repente sentiram-se gemidos dentro da casa. A visinhança, sempre sobresaltada com a allucinação repetida de Joaquina, acudio logo, e abrindo a portinhola da janella e saltando dentro de casa, viu as duas creancinhas quasi suffocadas, pedindo misericórdia, com esta phrase bem caracteristica:

—A nossa mãe deixou-nos outra vez o fogareiro acceso.

As duas pequenitas vieram respirar o ar livre, ficaram boas. Entretanto procurou-se a mãe e d'ahi a horas a creatura lançou-se com o filhinho n'um braço e um sacco com pedras no outro, ao Tejo, de bordo de um vapor de Casilhas. Agarraram a tempo, trouzeram a para terra e Agarraram, depois de sahidas, e a levaram para o hospital. Dois dias depois, mãe e filhinho estavam bons. As duas pequenitas foram esplendidamente recebidas no Albergue das Creanças Abandonadas, e a justiça tomou conta do caso.

VIARIAS NOTICIAS

Lisboa—Casou o tenente de engenharia, lente da Escola do Exército, Fernando de Almeida Loureiro de Vasconcellos com a sr.^a D. Monica de Vilhena, filha dos Viscondes de Ferreira da Alemtejo.

—Vae ser elevado a Marquês o Conde de Jacome Correia, em casa de quem Susa Magalhães estiveram hospedados em Ponta Delgada.

—Os officios dos navios infelizes que acompanharam a esquadra na sua viagem das ilhas portuguezas, foram vistor a Batalha, n'uma excursão ofrecida pelo officios dos navios portuguezes.

—Fizaram-se já varias experiencias de tracção electrica, que deram bons resultados. Dentro em um mez funcionarão as linhas até Algés, Avenida e Poco do Bispo.

—O Imperador Guilherme, da Allemannha, offereceu a El-Rei, ricamente encadernado, o almanach militar de 1901.

—A Cruz Vermelha elegeu seu presidente honorario o rei de Inglaterra.

—No dia 29 de Junho, primeiro anniversario da morte do rei Humberto d'Italia, tui tragica e barbaramente assassinado, mandou a colonia italiana celebrar exequa na igreja do Loreto.

—Foi a bordo do transporte o capitão de engenharia José Maria Machado de Faria e Mello, com a sr.^a D. Maria Luiza Mac-kert, filha do commerciante allemão sr. Marckert que ha annos está doente.

—A assembleia geral da Companhia dos Tabacos de Portugal, reunida hontem, inaugurou na sala das suas sessões o busto em mármore do presidente da sua direcção o conselheiro Francisco Antonio Viana, fazendo o elogio do finado os sr. Dr. Eduardo Burnay, Durnpel e Polycarpo Anjos.

—Com grande solemnidade benzeu-se na igreja de S. Vicente de Fóra, a nova bandeira do regimento de infantaria 5.º, em cujo quartel foi de festa esse dia.

—Formou-se um *Centro Nacional*, por iniciativa de tres pares do senado, os sr. Conselheiros Jacintho Candido da Silva, antigo ministro da marinha, Conde de Bretlandos e Gonçalo de Almeida Garrett, para propaganda das ideias religiosas, por todos os modos, incluindo eleições de candidatos seus ao Parlamento.

—Casou a sr.^a D. Amelia Cardia, umas das mais distinctas medicas da capital, com o sr. Francisco d'Alveado Coutinho.

—Foi a bordo do transporte *Africa* que regressaram das ilhas as carruagens e a bagagem reaes. Vieram tambem 3 cães, 1 porco, 1 boi e 1 vacca, que foram offerecidos a El-Rei e a Rainha.

Porto—Vae apparecer um novo diario *Pain*.

—Está processado por abuso de liberdade de imprensa o Padre Antonio José Soares, de Oliveira da Azeméis.

—O capitão do lugre inglez *Ethel* procedente da Terra Nova, declarou que o mar lhe levou do covex, durante a viagem, um filho que nunca mais appareceu.

Braga—Casaram em Villa Verde, o Dr. José Julio Leite Lage, medico em Fafe, e o Dr. D. Joaquina Ferreira Braga, filha do commandador Domingos José Ferreira Braga.

—Um grupo de religiosos e admiradores do Visconde da Torre, offereceram-lhes as insignias da grã-cruz da Conceição com que elle foi agraciado, entregando-lhe ao mesmo tempo uma mensagem de congratulação pela mercê com que foi distinguido.

Alhandra—Um incendio destruiu completamente os armazens de vinhos e vnaques do sr. Antonio Gonçalves Soares, sendo calculados os prejuizos em 8 contos.

Amarante—Chegou a sua casa de Gandelme, o notavel orador Dr. Antonio Candido, procurador geral da corte.

Bombarral—Casou civilmente o sr. Augusto Simões, com uma filha do sr. Francisco Branco do Casal.

Evora—Requererem a creação de uma adega social e de uma casa de José Antonio de Oliveira Soares, Antonio José de Sá Potes, Miguel Fernandes, José Albino da Silveira, Moreira e Adriano Monteiro.

—O sr. Barahona encarregou o artista Carneiro Junior das decorações de parte do seu palacio.

Guimarães—O assassinio de Francisco Agra, é attribuido a Julio de Campos, homem de maus costumes que esteve já na Penitencia-

ria. Ap' crearem testemunhas que o viram n'essa noute no sitio onde foi encontrado o cadaver, e outro, um companheiro de prisão a quem elle disse que ainda que fosse d'ahi a trez annos havia de matar Francisco Agra, logo que voltasse a esta cidade.

Monforte—Appareceu morto dentro de um poço nas proximidades de Vayamonte, o trabalhador Joaquim Vaccas.

Nafra—Os implicados no tragico crime do Millarado, foram todos condemnados: Manoel Gaitero, Antonio Bombarral e a Francisca de Gredro, José Gaitero e Antonio Eugenio, seus cumplices, a prisão na comarca.

Pedrogão Grande—No logar do Bravo d'este concelho, Manoel Bento, suppondo que a mulher o trahia, depois de a levar para um sitio isolado, assassinou-a com facadas no peito e machadadas na cabeça. Quando a viu morta, rasgou o proprio ventre, fallando pouco depois, **Saca-te a alma**. Na casa onde vivem os proprietarios do armazem de vinhos, *O Casão*, de nome Francisca e Fernandes e sua mulher Maria Joaquina, ficam todos os dias quando elles vão para a loja, os quatro filhos, de 15, 11, 4 e 2 annos.

Uma d'estas manhãs estavam deitados na cama dos paes os dois filhos mais novos, achando-se n'outra cama a pequena, a qual, acordando, começou a chorar, pedindo para a cama d'ella um dos irmãos, a fim de a acenar.

Adormeceram e o que ficára sózinho, José Duque, de 4 annos, lembrou-se de que, no dia anterior, ao ser feta a cama de casa, vira a mãe metter sob o colchão sua pistola.

Quiz tiral-a, mas os patilhos da cama prenderam-se na roupa e a pistola disparou-se, indo as balas cravar-se-lhe no peito e dando-lhe morte instantanea.

Santa Coma Dão—Casou o sr. D. Antonio Tavares Festas, com a sr.^a D. Maria Isabel de Figueiredo.

Nexal—Fugiu da cadeia o preso Jorge Vieira. Quando o carcereiro abriu a porta para entrarem mais presos deu-lhe um grande empurrio e saltou-se em direcção d'Arrentella. A guarda popular seguiu-o, mas como elle ia armado com um ferro n'ão o poderam aperrar.

Fallecimentos

Falleceram da 16 a 31 de Junho:

Lisboa—Antonio de Figueiredo, André Régis Bous, João Pedro Xavier de Brito, Maria da Conceição Robins Amor, Grego Augusto Augusto Monteiro, Fernando Candido d'Avila e Souza, Antão de Jesus, Maria da Conceição, Felicia Augusta Grizaria, Ana, Joaquim Nunes Borges de Carvalho, Maria e Emilia Frias, Nuno da Conceição Almeida, Maria Isabel Viana, Maria da Conceição de Sousa Salgueiro Guimarães, João Nunes Ribeiro Montanha, Joaquim Filipe dos Santos Alves, General João Maria da Cunha, José dos Reis Vitor, Ildefonso de Almeida Gonçalves Correa, D. Ernesto Linden Egen e de Amorim Almeida Cordeiro, Maria Libânia Martins Candido de Magalhães, Bárbara de Sobrosa, Anna Joaquina de Sousa, Joaquim de Sousa, Maria Felismina Borges de Avelar, João Pinto Gomes da Rocha, Joaquim Gaetano da Silva, Mst. da Com. Rodrigues Feres, Amelia da Conceição Macedo, Eva da Paes Ilha, Luciano Viegua Freitas, Eugénio da Silva de Souza, Rosa Martins Ferreira Nobre.

Braga—Ricardo Ferreira da Silva, Constantino José Ferreira da Silva, José de Jesus da Costa, Maria Theresia Aguiar da Silva, João do Patrocinio Abreu, Laura da Conceição Castro, João Lopes de Silveira Ferreira, Maria José Abadeu.

Beja—José Manuel, negociante, Maria do Patrocinio Abreu, José de Castro Lemos, Laura da Conceição Castro, Joaquim Barrero e João Lavo Marques.

Coimbra—Alexandre José Garcia.

Capota—Adolpho Martins.

Charneca—Henri-que Augusto Rodrigues.

Cintra—Manoel Francisco Graça.

Colma da Rainha—Antonio da Silva Pardal.

Cortez—Ricardo José Maria Ferreira.

Collares—Maria das Dóras Pereira.

Moledo—Miguel José Casanova, industrial freguez do Porto.

Estoril—Maria Esquel de Andrade.

Capota—Dr. Manoel Joaquim Cardoso.

Evora—Francisco da Conceição Pinto.

Perez Galdós

O CEGO

Versão livre de LORJÓ TAVARES

XI

O Patriarcha de Aldeacorbá

—Neste clima, continuou Gólfín, a operação pode fazer-se nos primeiros dias de outubro. A'manhã estabeleceremos as bases de tratamento a que devemos sujeitar o paciente. E agora partamos, que a noite vae esfriando.

O sr. de Penúlgas insistiu para que ficassem para a ceia, mas foi inútil. Os seus amigos saíram, e o dr. levou Nela consigo. D. Francisco acompanhou-os até ao estabelecimento.

A noite estava amena e calma. Durante o tracto conversou-se animadamente sobre o rendimento das minas e sobre coisas agricolas. D. Francisco acompanhou os Gólfins até casa, e voltou depois pelo caminho, vagorosamente, com o olhar cravado no chão. Vinha absorto, pensando nos longos dias de anciedade e de esperanças que o esperavam.

A breve trecho juntou-se-lhe Choto, e ambos subiram a escadaria de madeira do talude.

O luar enchiu de luz suas valles e cerros, e a figura magestosa do patriarcha de Aldeacorbá desenhava-se, nitida, nos degraus toscos da escada, quebrando-se á proporção que subia. D. Francisco, como se se dirigisse a quem o comprehendesse, murmurou, affligando o cachorro que ia ao seu lado:

—Que te parece, Choto? Deus fará o milagre?

XII

O dr. Celipin

O sr. Centeno, tendo recreado o espirito nas compactas columnas do *Diario*, e a *sr* Anna, depois de saborear a mais embriagadora das delicias, tornando o passo ao seu querido pé de mesa, deitaram-se. Os filhos Centenos dormiam já nas respectivas camas. Ouviram-se ainda uns murmurios de oração, muito parecidos com as cantilenas dos mendigos e cegos, depois uns boacjos invisiveis, sobre que dedos lentos estavam fazendo cruces, e depois mais nada. A familia de pedra dormia.

Logo que em toda a casa se fez silencio absoluto, sentiu-se, vindo dos lados da cozinha, um rumor ligeiro.

As canastras affastaram-se vagorosamente e Celipin' ouvou estas palavras:

—Celipin! Hoje trago-te um presente de mão cheia!

Celipin não viu nada, mas estendeu o braço e recebeu das mãos de Nela dois duros que o tacto lhe disse não serem falsos, e ficou deveras embatocado.

—Deu-mos o sr. D. Theodorou, acrescentou Nela, para comprar um par de sapatos. Mas como eu não preciso de sapatos, dou-t'os a ti. Com isso pouco te faltará já para teres o que desejas.

—Caramba! E' melhor que Nessa Senhora Pouco falta já, Nela, é verdade. Arranja-se mais meia duzia de reales, e verio quem é o Celipin!

—Ouvia: a pessoa que me deu esse dinheiro andou pelas ruas pedindo esmola, quando era pequena, e depois...

—Caramba! Quem tal havia de dizer! O sr. D. Theodorou! E agora tanto dinheiro! Dizem que seis milhas n'ão chegam para carregat todo o dinheiro d'elle!

—Chegou a dormir ao relento, v' lá! e foi lá creado de servir e até não tinha que vestir... Era um pobresinho, e o sr. D. Carlos esteve em casa de um ferro velho...

—Devers! O que coizas que a gente v' por esse mundo! Pois eu tambem hei de procurar uma casa de ferro velho.

—E tambem há barbeiro para ganhar a vida e para poder estudar...

—Ora vejam como não os coisou! Eu tambem pensei em ser barbeiro. Se eu nasci para isso. Graças a Deus não me falta habilitação! Em e'

tando em Madrid, a esbanhar por um ládo, e a estudar por outro, em menos de dois mezes hei de aprender toda a sciencia... E se eu fosse medico!! Pois está ditto! Heico é que hei de ser. A tomar o pulso é que se enche a algebral!

— O sr. D. Theodor, continuou Nela, tinha menos do tu, porque tu tens cinco duros, e com cinco duros tudo se pôde alcançar. Que dois homens aquelles. Celipin! O sr. D. Theodor e o irmão eram, como o outro que diz, como dois passarinhos que andam só pelos ares e tão bem souberam governar a vida que chegaram a saber tanta coisa! O sr. D. Theodor lia nos mortos e o irmão lia nas pedras, e assim se fizeram homens de muita valia. Por isso o sr. D. Theodor é tão amigo dos pobres. Ah! Celipin! Se tu se viesses hoje quando elle me levava ás costas! E, quando depois me deu um copo de leite, olhava para mim de uma maneira... nem que eu fosse uma senhora!

— Nós os homens somos assim! disse Celipin dando-se ares de importancia. Tu verás como eu serei delicado e elegante quando usar sobrecasaca e chapéu alto! E também calçarei nas mãos isso a que chamam luvas, e que não tirarei nunca, e não ser para tomar o pulso. Hei-de ter uma bengala com castão dourado e hei-de vestir-me do melhor. No meu corpo só se pórá panno fino. Caramba! muito has-de tu rir quando me vires...

— Ah! Celipin! Não penses tanto ainda n'essas imposturas. Lembra-te de que por enquanto andas quasi nu. Não tens pressa. Aprende hoje uma coisa, amanhã outra, que has-de chegar até onde desejas, crê. Accenta o meu conselho. Antes de aprender a curar doentes, deves aprender a escrever para poderes mandar uma carta a tua mãe, pedindo-lhe perdão e dizendo-lhe que partiste para te fazeres gente e medico de saber como o sr. D. Theodor.

— Calate lá, mulher! Então que julgas tu? A primeira coisa é a escripta. Em eu spanhando uma penna á mão tu verás que letra rasgada e que traços finos para baixo e para cima, o mo faz o sr. D. Francisco Penaguillas! Escrever? Isso vai com uma penna ás costas! Em menos de quatro mezes hei-de escrever cartas de fazer

estarrécar uma pessoa. Tu has-de ouvir lél-as e verás então os pensamentos que eu boto de uma maneira por hi além, que hei-de ficar todos de boca aberta! Caramba! Mal sabes tu o talento que eu tenho, como o outro que diz. Sinto-o aqui dentro da cabeça, a barulhar como a agua na caldeira da fabrica. Se até nem me deixa dormir! Eu estou que são as sabedorias todas que andam cá por dentro ás marradas, como moreços ás escuras, a pedirem-me que as estude. Pois dizem que aprendi-as todas e não ficará uma por saber. Tu verás.

— Olha que são muitas, Celipin! O Paulo que sabe todas disse-me que são muitas e que a vida de uma pessoa não chega para aprender uma só que seja.

— Cantigas, mulher! Tu verás o que eu farei!

— É a mais bonita de todas e a do sr. D. Carlos. Olha que isto de apanhar uma pedra e fazer d'ella latão... já é! Até ha quem diga que se póde fazer prata e ouro... Por que não estudas tu esse officio?

— Nada! Não ha coisa melhor que tomar o pulso e ver a lingua. Só com isso sabe a gente logo em que parte do corpo se metteu o mal. Dizem que o sr. D. Theodor tira um olho a um homem e põe outro novo, e que se vê por elle como se fosse nascido... E esta: estar um homem a morrer e mandar-lhe tomar, por exemplo, meia duzia de mosquitos guizados, n'uma segunda-feira, com tronquinhos de vime, cortados por uma rapariga donzella que se chama Joanna, e polo-o bom! Hei! Isso é que é sabedoria! Pois tu verás quem será o D. Celipin de Socartes! Palavra que se ha-de falar de mim até na Havana!

— Pois sim; disse Nela. Mas olha que has-de ser bom filho. Teus paes não querem que tu aprendas porque não teem talento como tu o tens, deves rezar por elles e a Nossa Senhora, e deves mandar-lhes alguma coisa do muito que vaes ganhar.

— Está bem de vêr. Eu cá, se me vou embora, não é porque lhes queira mal. Antes de pouco tempo hei-de vêr chegar da estação um moço carregado até mais não poder com uns grandes calçados... Que será? que não será? Nada... boga-

tellas... Ora que ha-de ser? Roupas que o sr. D. Celipin mandu para a mãe e para as irmãs e um chapéu alto para o pai. A ti talvez mande tambem uns brinco de ouro.

— E' cedo para presentes! disse Nela, perdida de riso. Brinco para mim?!

— Mas agora me lembro de uma cousa. Nela. Querés ouvir? Tu devias ir comigo. Sempre eram duas pessoas que se ajudavam a ganhar e a aprender. Tu tambem tens talento, como o outro que diz, que eu cá não me engano. Podias chegar a ser uma senhora fina, como eu hei-de ser um senhor. Muito me havia de rir se ainda te visse tocar piano como a sr.^a D. Sophia?

— Não digas tolices! Se eu não sirvo para nada... Se fosse contigo, seria um estorvo na tua vida.

— Ora diz cá: que ficas tu fazendo em Socartes, quando o sr. Paulo tiver visto, como dizem que vaes ter? Que te parece a minha idéa? Não respondes?

Nela não respondeu.

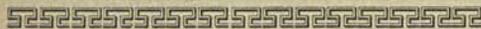
— Então, Nela?

— Dorme, Celipin, dorme. Eu tambem tenho já muito sono.

— Pois então, boa noite, e bom será que as sabedorias, que fervem aqui dentro, me deixem dormir.

Um minuto depois, D. Celipin sonhava, e em sonhos, a sua pequena pessoa tinha as proporções de D. Theodor Gólin. E via se pondo olhos novos com orbitas velhas, concertando pernas partidas, arrastando moribundos á morte, mediante mixórdias de mosquitos guizados, n'uma segunda-feira, com troncos de vime cortados por uma rapariga donzella. E via-se vestido de roupas finas, mãos calçadas em luvas perfumadas, e sentado em carruagem tirada a cysnes. E os reis chamavam-o, as rainhas sollicitavam-o, e todos os dias o disputavam, e todos os homens o encensavam, e, em triumpho, era levado por todas as cidades da terra...

(Continúa.)



V.^{IA} WENCESLAU GUIMARÃES & C.^A

Commissões e Consignações

IMPORTADORES DE VINHOS

Telegrammas

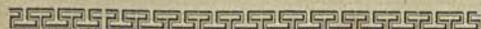
Wenceslau Rio

Caixa do correio

N.^o 272

R. General Camara, 17

RIO DE JANEIRO



Companhia Geral de Credito Predial Portuguez

LISBOA—L. de Santo Antonio da Sé, 19

Emprestimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo — juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 % de 10 e 60 annos. Empréstimos em conta corrente: a juro de 3 1/2 e commissão de 1/2 % de 1 a 9 annos. Depósitos accitam-se a prazo ou á ordem, vencendo a 1/2 % á ordem e 3/4 % ao prazo de 3 mezes; 3 1/2 % á 6 e 4 % ao anno. Propriedades: a Companhia tem suas Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações de Capitalista.

LA UNION Y EL PENIC ESPAÑOL

Capital social 5.000.000.000 rs

15.000.000.000 REIS

Os accionistas pagam desde 1884 até 1905

PALMEIRAS E RESERVAS 5.000.000.000

Empresa controlada franceza, capital de guerra

Equipar Atlanticos e Union Maritime

Companhia franceza controlada por accionistas

Dispozem-se a serviço de transporte de qualquer natureza

LISBOA—Rua do Príncipe, 50, 52

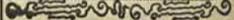


HOTEL DURAND

English Hotel — Lisboa

7, Rua das Flores—Largo do Quatrilho

Este hotel, situado na parte mais central da cidade, oferece todas as comodidades de uma casa de primeira classe.



CASA ANCORA

MESQUITA & MACHADO

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Grande sortimento e variedade de artigos. O primeiro ponto de reunião de Mandos

RUA MARQUEZ DE SANTA CRUZ

E RUA MARECHAL DEODORO

MANAOS





ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Recebe e satisfaz encomendas para o Brazil e Africa com grande desconto

→ Sempre as ultimas novidades ←

RUA DO ALECRIM, 111, 1.

LISBOA

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900. Variado sortimento de fazendas de lã e seda proprias para todas as estações.

Este magnifico hotel, situado no melhor logar das Caldas do Gerez, e construido de proposito para o fim a que se dedica, possui além das magnificas commodidades e bom serviço, um excellente parque com jardim, bosques com arvores de boas sombras, cascatas, nascentes de finissima e deliciosa agua potavel, grande salão recreativo, offerecendo assim aos seus hospedes uma disposição como não tem nenhum outro hotel no paiz.

Qualquer correspondencia pôde ser dirigida á sua proprietaria e directora.

NO GEREZ:

Maria N. M. Salgado

EM LISBOA:

Casa dos Oito Globos

Rua Augusta, 286



Bilhares de precisão

COM A CELEBRE TABELLA AMERICANA

MONARCH

Panços, Tacos, Bolas e todas os accessorios

Jogos diversos de novidade—Cartas Tents e Fixas para todos os jogos

Viva de José Alexandre de Senna

28 — Rua Nova de Almeida — 28

CASA FUNDADA EM 1842

LISBOA

Peçam o catalogo illustrado

VINHOS DO PORTO

Marca registada

Santos J.^{os}

Porto



Casa fundada em

1872

A. Pinto Santos Junior & Comp.^{as}

Premiada com os primeiros premios em todas as exposições.

H. PARRY & SON

Construção de navios de ferro e aço

Caldeiras e machinas a vapor para terra e mar

34, R. VINTE E QUATRO DE JULHO, 36

LISBOA

DDCS DE REPARAÇÃO EM CASILHAS

ESTABEIRO NO GINGAL

ENCYCLOPEDIA PORTUGUEZA ILLUSTRADA

— Achou-se publicados o 1.^o volume. Preço em todo o Brazil (moeda brasileira) broch. 225000 reis, enc. 405000 reis. — Disponibilidade permanente. — Publicação de uma cartolina mensal ao preço de 50000 reis franco de porto.

EDITORES: LEMOS & C.^{as} successores

Largo de S. Domingos, 63. — PORTO

AGENTES NO RIO DE JANEIRO

A. Mascarenhas & C.^{as} — Rua da Huitanda, 38

Agente geral no Brazil: Luiz Guedes d'Amorim

CAPITAL DO ESTADO DE COYAZ

DICCIONARIO UNIVERSAL publicado sob a direcção de MAXIMIANO LEMOS

Leito da Escola Medico-Chirurgica de Paris

Com a collaboração effectiva de dr. Adriano Anthero de Sousa Pinto, Alberto de Aguiar, A. A. Ferreira de Carvalho, A. J. Ferreira da Silva, D. Antonio Barroso, A. A. Costa Ferreira, Bento Carquejal, cons. Bernardino Machado, Clemente Pinto, Domingos Correia, Domingos Ramos, Eduardo Sequeira, Ernesto Maia, Firmiano Pereira, Francisco Antonio Pinto, cons. Francisco da Paula Cid, Francisco de Azevedo, Francisco Ribeiro Nobre, Henrique Carvalho d'Assumpção, Jayme de Faria, Jayme Elliott, dr. João Paiva, Joaquim A. Cambazes, José Candido Correia, J. N. Raposo Botelho, José Nunes Gonçalves, José Pereira de Sampaio (Bruno), dr. Julio Henriques, Julio Portella, Luiz Viegas, M. d'Oliveira Ramos, Nuno Queiroz, Paulo Marcelino Dias Freitas, dr. Ricardo Jorge, dr. Roberto Frus, Simas Machado, Theophilo Braga, Valentin de Magalhães, cons. Wenceslau de Lima.